

# MALOKAS PAN AMAZONICAS

## O hakolo Enawene Nawe

MALOKAS PAN AMAZONICAS  
The hakolo Enawene Nawe

Fernando Freitas Fuão<sup>1</sup> e Rafaela Bonotto<sup>2</sup>

### Resumo

Esse ensaio questiona o modo de viver, construir e pensar do chamado ‘civilizado’, para isso apresenta as ‘malocas pan-amazônicas’ para ressaltar outros modos de viver, desconstruindo os sentidos negativos e estigmas que cobrem até os dias de hoje essas formas de morar. A maloca resgata o sentido simbólico perdido de uma relação do homem com a natureza, construções que, enfim, são intrínsecas às distintas cosmogonias dessas culturas. As malocas são grandes casas comunais presentes em várias etnias ameríndias da América do Sul como, por exemplo, os *Uitotos*, *Yucunas*, *Taiwanos* e *Chibchas* na Colômbia, e os *Enawene Nawe* no Mato Grosso, no Brasil, os quais designam suas moradas por *hakolo*. Evidencia-se a presença tipológica da maloka, em suas variações, mas presentes nessas etnias revelando que se trata de uma rede de ‘pensares e morares’ que se perdem no tempo indo além das limitações das fronteiras Brasil, Colômbia, Peru e Venezuela.

Palavras chave: malocas, Enawene Nawe; descolonização; arquitetura indígena pan-amazonica; uitoto; hakolo.

### Abstract

This essay questions the way of life, construction, and thinking of the so-called ‘civilized,’ presenting ‘pan-Amazonian malocas’ to highlight other ways of living, deconstructing the negative meanings and stigmas that still cover these forms of dwelling today. The maloca recovers the lost symbolic meaning of a relationship between man and nature, constructions that are, ultimately, intrinsic to the distinct cosmogonies of these cultures. Malocas are large communal houses present in various Amerindian ethnic groups of South America, such as the Huitoto, Yucuna, Taiwanese, and Chibcha in Colombia, and the Enawene Nawe in Mato Grosso, Brazil, who designate their dwellings as hakolo. The typological presence of the maloka, in its variations, is evident in these ethnic groups, revealing a network of ‘ways of thinking and living’ that extends beyond the borders of Brazil, Colombia, Peru, and Venezuela.

Keywords: malocas; enawene nawe; decolonization; pan-Amazonian indigenous architecture; uitoto; hakolo.

<sup>1</sup> Doutor em Projetos de Arquitetura, Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (1992) com a tese “Arquitetura como Collage”. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPel, 1980) e é pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é professor titular na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Doutoranda em Arquitetura no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



*Del otro lado del mundo de la modernización unidimensional, de la megaproyección, de la capitalización, de la idea de desarrollo que pretende imponerse y sedimentarse, sin importar el agotamiento sobre el cuerpo y la tierra exhaustos, con tal de hacer su buen agosto; diversos mundos resisten y reexisten, deconstrucciones acontecen, mientras rastros diferenciales comparecen, entre las construcciones panamazónicas conocidas como malocas.*  
Honathan Fajardo (2025)

*Maihia iniraha, maihia anini Maihia iniraha, akote kawe, akote iula Yakairiti. Maihia iniraha tota Enawene Nawe waini Sem música, sem comida, Sem música haveria muita dor, muita doença, os Yakairiti ficariam enfurecidos Sem a música todos os Enawene Nawe morreriam*

### Borrando fronteiras

O que nos ensinam nas peles brancas dos livros de História e Geografia no mundo dito ‘civilizado’; assim se refere o xamã Yanomami Davi Kopenawa; sobre os povos originários da América do Sul, não se restringe somente a uma ocultação de um reverso da História, sobretudo seguem se utilizando de palavras como: primitivos, selvagens, caçadores, nômades, coletores, índios; e alguns se referem ainda hoje até como canibais; com o único objetivo de depreciá-los, condená-los adjetivamente e fisicamente. E, assim, exaltar, por contraste, os nobres civilizados. Não menos relevante é a correlação direta com o modo de morar desses povos, que aqui trataremos ao longo do artigo, e que vivem em casas de palha.

Outra dessas expressões depreciativas que a razão civilização ocidental se utiliza é a palavra ‘maloca’, uma moradia vegetal, uma arquitetura vegetal, portanto orgânica viva e não mineral. Infelizmente, no Brasil sempre achamos que a palavra maloca se refere à um barraco, à uma choupana em qualquer recôndito da periferia. Entretanto,

chama-se Maloca, e aqui agora com 'M' maiúscula, a moradia de determinadas culturas indígenas pan amazônicas situadas além fronteiras entre países América Latina, principalmente na Colômbia e no Brasil; constituindo-se um símbolo de identidade e resistência desses povos.

É preciso desconstruir os sentidos negativos e estigmas que foram impressos pelos ditos civilizados sobre essa forma de morar. A fábula civilizatória dos *Três porquinhos* exemplifica brilhantemente o demérito e o pré-conceito que os civilizados deverão alimentar, desde pequenos, com relação às casas de palha e por consequência quem mora nelas. A fábula aciona o papel da razão, da casa domesticadora personificada na casa de pedra do porquinho Prático, que simboliza o *logos*, o trabalho, a solidez, a beleza; a tríade vitruviana. E, as casas de palha e de madeira – os porquinhos Cícero e Heitor, correspondem ao lado selvagem, ao primitivo, e também aos miseráveis, a música, a dança, e a flauta. Enfim, os que se recusam a trabalhar para o capitalismo, os despossuído de razão e quiçá até de alma. A fábula dá a entender que a casa de tijolos ou de pedra é algo que deve ser alcançado, ela é um patamar acima na hominização, algo que foi alcançado na história da civilização humana mediante os avanços da cultura pétreia.<sup>3</sup>

Conhecer, visitar, estudar as malocas hoje representa resgatar o sentido perdido dessas construções. É preciso confrontá-las diretamente com a idéia da 'casa' e do 'lar' mercadoria para a cultura civilizatória domesticada.

A maloca é uma moradia coletiva, onde diversas famílias vivem em conjunto, é um espaço onde seus membros se sentem seguros e protegidos, preservando suas tradições e modos de vida. Na maloca, ao revés da 'casa individual civilizada', são realizadas diversas atividades que fortalecem a coletividade e a união entre as famílias; um local de aprendizado, onde os mais velhos ensinam, narram aos mais jovens sobre sua história, seus costumes, e a relação cosmogônica com seus espíritos. Malocas são um tipo de moradia comum em várias etnias como por exemplo: os *Enawene Nawene Nawe* no Mato Grosso no Brasil, os *Uitotos*, *Taiwanos*, *Uifanas*, *Yucunas* ou os *Chibchas* na Colômbia.

Entretanto, existe uma grande dificuldade de estabelecer estudos e entrelaçamentos entre estas etnias desde o ponto de vista etnográfico e inclusive arquitetônico por causa mesmo das limitações geográficas que os países estabeleceram, enquanto Estados Soberanos. Quando os colonizadores europeus chegaram na 'América do Sul' os territórios entre os povos e etnias eram difusos, uma sucessão de demarcações territoriais, então, sucederam-se desde suas sucessivas invasões às expensas das vidas de milhares de povos originários. A cada nova linha limite, mais mecanismo de controle e separação foram implantados nessas fronteiras. Acabou que muitos povos ficaram divididos entre um país e outro, e até dentro do mesmo país pelas divisões internas. Mas, conseguiram sobreviver, e resistem até hoje com parentes de um lado e do outro dessas linhas; e, afora todas as dificuldades seguem circulando nessas fronteiras carregando comida, compras para sua existência e visitando parentes.

É exatamente essa geopolítica baseada na definição, na separação dos povos indígenas que corrobora a prática do terror aos indígenas, principalmente se tomarmos o exemplo do Brasil e compararmos com o ativismo político dos indígenas da Colômbia, Peru e Venezuela. E, quando se estuda as culturas indígenas, cada país apresenta seus povos contidos dentro da fronteira, ignorando suas lateralidades geográficas em outro país.

<sup>3</sup> Veja-se Fernando Fuão, *As casas dos três porquinhos*. Porto Alegre: Amazon, 2024.

## Malokas

A palavra 'maloca' até os dias de hoje permanece em seu sentido pejorativo, ao menos para os brasileiros; e, quando querem esculachar uma pessoa mais pobre, chamam de 'maloqueira', aquele, aquela que vive sem eira nem beira, ou mora na favela. Este sentido pejorativo nada faz referência aos indígenas que moram nas malocas, espaço considerado aqui como sagrado e casa dos saberes ancestrais. A maloca está intimamente atrelada a uma concepção cosmo mundo onde ela se constitui o centro do mundo, através de uma série de rituais que variam de etnia para etnia.

O antropólogo Carlos Castaño-Urbe, inteligentemente prefere utilizar a palavra 'maloka' com a letra "k", justificadamente para referir-se às malokas pan amazônicas, e diferenciar-se destes conceitos enunciados, assim remarca:

el uso de maloca con "c" tiene en otras partes de Suramérica una connotación diferente, asociada a la violencia y ocupación indebida del territorio. Proviene del araucano malocan, que significa "iniciar hostilidades con alguien" o "ataque inesperado de indios". Igualmente se asocia con la invasión de hombres blancos en tierra de indios, con pillaje y exterminio (Castaño-Urbe, 2019, p. 807).

Uma Oca não é uma maloka, embora as etimologias estejam próximas, ambas são construções indígenas, a diferença entre elas é o grupo de habitantes que moram nela, normalmente a oca é habitada por uma única família, digamos individual, enquanto que na Maloka podem morar dentro delas várias famílias, um clã. Infelizmente, a questão terminológica não é consenso, há estudos que utilizam a palavra maloca incluso para pequenasocas. Cada etnia tem suas especificidades de maloka, seus nomes próprios como por exemplo *hakolo* para Enawene Nawe, *shabono* para os Yanomamis; cada uma delas possui características formais sutis que as diferenciam entre si; às vezes são pequenos detalhes construtivos, uma porta, uma abertura e ou a até mesmo a estrutura que diferenciam uma comunidade da outra, detalhes que as singularizam enquanto etnias e que ajudam a distingui-las uma cultura de outra. O termo Maloka aqui provém e se refere principalmente às etnias *Uitotos*, *Taiwanos*, *Uifanas*, *Yucunas* na Colômbia. Veremos essas distinções mais adiantes ao longo do artigo.<sup>4</sup>

A maloka é morada comunal, dependendo da etnia podem morar até mais de cem pessoas dentro dela, é arquetípica, mais antiga que as *domus*, as *oikos* e os templos gregos construídos em pedra. Sua duração advém da profunda relação desses povos com a natureza, e cada elemento estrutural tem seu significado simbólico. Num âmbito mais geral a maloka é a simbolização e concretização do próprio cosmos na terra, um microcosmo que permite a comunicação com o ascendente, ela torna-se o recipiente da existência, o balaio, ou cesto (*canasto*) que guarda tudo e o lugar de onde tudo sai. A maloka é o ventre mãe, o 'centro' para seus moradores, ela está situada sempre no centro do mundo e a partir dela é que o mundo se organiza. Tudo acontece ali dentro, o universo está contido ali ainda que simbolicamente, ali acontece o paradoxo espaço tempo; a pequena casa que guarda a grande casa e vice-versa. E, em cada maloka está também a representação de cada cosmogonia da respectiva etnia; os rituais

<sup>4</sup> Na Amazônia colombiana, predominam cinco etnias indígenas em toda a região: os Huitotos, os Yaguas, os Boras e os Ticuna, e os Taiwanos, e cada uma delas tem uma maneira diferente de construir suas malocas. No Brasil temos diversas etnias que, de diferentes formas de construir, compartilham do conceito de morar, tais como os Tucanos, Enawene Nawe, Bororo, Myky, Karajá e tantas outras que poderiam ser citadas. Essas Malokas algumas podem não ter cerramentos laterais, outras podem ter um teto mais alto ou mais baixo.

xamânicos se dão ali dentro. A *hakolo*, e a *Casa das Flautas* entre os *Enawene Nawe*, constitui elementos indispensáveis aos rituais, quando acolhe grupos em cerimônias de dança, canto e compartilhamento da ‘*chicha*’, bebida preparada a partir da mandioca.

Ao mesmo tempo em que ela representa o cosmo, seu corpo também faz referência ao corpo da mulher, como é o caso da maloka dos Uitotos: a maloka tem cabeça, e também ombros, tronco e pés. A maloka não tem nada a ver com a casa moderna unifamiliar, ou um edifício de apartamentos multifamiliar, ela é todo o oposto à propriedade privada da casa, a morada que se fez mercadoria. A maloka é o lugar preparado, ritualizado para a vida em comum, ela reforça a manutenção do comum em seu modo simples de vida, em sua efemeridade fazendo dela o lugar do ‘*buen vivir*’; um modelo referencial de viver sobre a terra.

Para Oscar Freire, um estudioso dos simbolismos das culturas ancestrais profundamente associado ao pensamento de Rene Guenon; a maloka “acarreta para as tradições amazônicas um conjunto de correspondências e denominações tradicionais que se unem essencialmente para expressar uma síntese do universo. Assim, pode ser, ao mesmo tempo, a imagem de um arquétipo divino, uma figura do centro do mundo, a matriz universal, o útero da Mãe Terra, a casa do Sol e da Lua ou o receptáculo do raio celeste.”<sup>5</sup>

Ainda segundo Freire, a origem da palavra maloka se perde no tempo, porém, segundo ele, pode-se recorrer aos procedimentos fonéticos da língua que outorga a ideia de “*el sitio de la madre*” ou “*el lugar de la raíz*”, principalmente no que diz respeito ao fundamento da maloka ou “maloka dos antepassados”<sup>6</sup>

O professor antropólogo Carlos Niño em seu artigo *Maloca Muina Murui, construcción vernácula de los Uitotos*, nos esclarece que “*para los huitotos, la maloca está en el centro, es la madre, el pensamiento unido a la palabra. Constituye un acto sagrado que sintetiza lo práctico y lo mítico, como construcción que guarnece a la comunidad y educa en las leyes vitales y sociales, y como modelo cósmico, y sistema organizativo que hace posible la vida*”.<sup>7</sup>

Como explicou brilhantemente o filósofo e escritor Honathan Fajardo em seu ensaio *Animalidades de la arquitectura entre algunas malocas panamazónicas*, no ‘4 Colóquio Arquitectura, Derrida, y aproximaciones: huellas, bordes y fronteras en arquitectura y filosofía’:

*La maloca dismantela la razón de los más fuertes, remueve los fundamentos del supuesto dominio de amos y señores, recuerda que no somos los primeros elegidos, dueños exclusivos del mundo; entre sus espacialidades entreabre a otras temporalidades, así como al abrigo de las palabras, las plantas, la música, el humo y el fogón, entre la selva y la urbe, acoge y expone a las relaciones con las multiplicidades excedentes del animalero y del cosmos de los que somos parte, dando lugar al intenso entretejido de la existencia en común.*

5 FREIRE, Oscar. *La maloca de los saberes*. Em: Mapa Humano Mapa Humano de Povos, Grupos Étnicos e Culturas. 2011. P.1. Em: <https://web.archive.org/web/20110711000457/http://mapahumano.fiestras.com/servlet/ContentServer?pagename=R&c=Articulo&cid=1265045033588&pubid=982158433476>

6 FREIRE, Oscar, op. cit.; p.2

7 NIÑO, Carlos. (2015). *Territorio chamánico. Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno*. Bogotá, Colombia: Otras Miradas, p.342.

*Las malocas dislocan la presupuesta autoridad de un punto de vista antropocéntrico que parece predominar en la escala arquitectónica convencional. Entre sus estructuras dinámicas y los elementos que las revisten, diversas naturalezas interactúan, danzan, se transforman y animan la vida comunitaria. A través de la apertura de las sensibilidades y del diálogo con los saberes orales se reconoce que ni la arquitectura, ni la belleza son privilegios humanos; así como tampoco se trata de sólo cualidades autosuficientes exclusivas del juicio establecido por lo que suele llamarse occidente. Diversos pueblos amerindios así lo testimonian y colectivamente han aprendido y desarrollado, entre redes de relaciones diferenciales, en la convivencia y la solidaridad ancestral con otros vivientes, diferentes técnicas, formas de diseñar y construir estas moradas, claves para la vida y la sobrevivencia de la panamazonia; pues como lo evoca la voz mayor de un maloquero uitoto: “las respetamos, las cuidamos y nos protegen (...) me gusta cuando llueve escuchar estas pajás, la presencia de los abuelos y abuelas que las levantaron, que me oigan cuando les canto al amanecer (...) para todo mundo en la selva son importantes, son semillas de memorias que vienen y hacen florecer el presente (...) Ya anochece, ¡hey! mira ese colibrí, guardémosle algo a quienes están viniendo (Fajardo, 2025, 1).*

A maloka é um edifício multigeracional, onde se desenvolve toda a vida da família geração após geração. Os mortos também moram na maloka, estão enterrados ali, portanto trata-se de uma coabitação entre vivos e mortos, espectros, espíritos, há toda uma spectralidade acontecendo ali dentro; porém deve se ter em conta que este sentido de mortalidade é totalmente distinto do sentido da morte para os civilizados monoteístas cristãos. Não há realmente uma transcendência nesse caso, o morto faz parte do mundo dos vivos, ele está ali, e ajuda na proteção da maloka e de seus familiares, semelhantemente ao Culto dos *Deuses Lares* na antiga Grécia antiga, representado pelo fogo sagrado no *lararium*.

Uma observação arquitetônica formal tipológica da maloka reforça a teoria de uma antiga ligação, que se perde no tempo, da Ásia com a América; sua semelhança com as construções da malásia, da polinésia, e Indonésia é muito próxima. Inclusive podemos até atribuir uma associação entre as palavras ‘maloka’ e a palavra ‘maluquês’, que se referem aos habitantes das ilhas ‘molucas’ na Indonésia.

As estruturas e os desenhos das malokas variam de acordo com a comunidade, por exemplo, em algumas comunidades das regiões de Pirá Paraná (Colômbia) e Apaporis, -o rio Apaporis (Colômbia-brasil)-, a construção da maloka ainda é supervisionada por quem detém o conhecimento, geralmente o mais idoso; e mantém seu formato retangular, enquanto em outras comunidades, sua estrutura é circular. Por exemplo, na cultura Enawene Nawe, a casa sagrada dos espíritos, a Casa das Flautas, local de armazenamentos das flautas é acessada apenas por homens; é circular e fica no meio da clareira, e as malocas retangulares (*hakolo*) de moradia se estabelecem ao redor.

Os métodos de construção das malokas têm origem nas lendas e mitos narrados dentro de cada uma dessas culturas, de cada comunidade, pois, segundo estes, foram os deuses que transmitiram esse conhecimento aos primeiros humanos. As lendas e mitos narrados pelos mais diversos povos coincidem em sua origem ‘não humana’, principalmente quando expressam que os métodos precisos de sua construção foram ensinados pelos espíritos aos primeiros homens com a finalidade de nunca esquecer sua procedência primordial. Por isso, a construção da maloka é um resgate ou interpretação dessas narrativas, através da qual se rememora os mitos fundacionais.

A maloka não é somente uma mera construção técnica que segue o ritmo cântico, ou um resultado transmitido desse saber da técnica construtiva; trata-se, sim, de uma simbiose entre a morada que fala de uma ancestralidade e de quem vive nela; e para que isso aconteça tem que ser repetida tal e qual para que os espíritos que ali vivem e circundam possam guardar o coletivo, dentro de uma concepção de um tempo cíclico, que sempre se repete igual.

Afora esta questão tipológica arquitetônica e construtiva, Oscar Freire explica ainda desde o aspecto linguístico que a palavra maloka é um termo originário associado à um 'complexo sociocultural' da Amazônia noroeste, localizado na região de fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela. E, que por essa região passaram uma multiplicidade de sociedades aborígenes, classificadas de forma um tanto arbitrária dentro das chamadas 'famílias linguísticas'. "No caso, são os Arawak, os Caribe, os Makú-Puinave e os Tucanos Orientais. Conveniências 'etnográficas' à parte, acreditamos que essa questão, sob uma perspectiva tradicional universal, quando nos referimos apenas ao termo é muito mais ampla, e sob uma perspectiva territorial e sociocultural, mais extensa do que aparenta."<sup>8</sup>

Prossegue:

Se as forem abordadas as confirmações, não apenas podemos recorrer aos procedimentos fonéticos da língua ou dialeto em questão como as respectivas narrações orais, mas também ao sentido universal que omite as operações de analogia do simbolismo tradicional através do qual a voz de referência, entre multidão de significados relacionados, nos outorga a ideia de *el sitio de la madre* ou *el lugar de la raíz*, principalmente no que diz respeito ao fundamento da maloca ou 'maloca dos antepassados', o qual só é acessível à visão mais elevada do "devido sabedor. Deste modo, a maloca invisível aos olhos profanos é a maloca primordial ou o antecedente celeste, não só da sociedade e da habitação dos homens, mas também de todas as malocas (mundos) em fila e abaixo. Assim, 'o lugar da raiz' se refere ao Princípio como origem primeira e a vez final dos seres. Este mesmo se observa em numerosos mitos ou narrações orais que podem variar em maiores ou menores matizes como é o caso do grupo étnico Tanimuca que pertence aos Ufainas, onde a maloca dos ancestrais é o Princípio da tribo - de onde chegam os que nascem neste mundo (Orígenes) e onde retornam os falecidos (Finlândia) - estando localizado em um dos céus que é prefigurado por um setor de tecnologia, aspecto que em nada muda o conteúdo essencial deste simbolismo (Freire, 2011, p.2).

Freire esmiuça:

Esta consideração deriva que o método de construção tradicional não é apenas assimilado, dentro da ideia de durações tribais em um contexto de origem primordial, mas esse contexto é "repetido" ou "revivificado" de contínuo em um significado integral que inclui todos os elementos anteriores. Disto revela-se, tal como nos expressamos em outras oportunidades, uma situação completa e autosuficiente

nos modos de 'assumir a existência' por parte dos mal chamados 'primitivos', equívoco de longos dados tão só inferido dentro das consequências ocasionadas pela paulatina e inexorável introdução da mentalidade moderna em detrimento das sociedades tradicionais, e a consequente desintegração no momento em que se perde o verdadeiro acervo oral e o esquecimento dos verdadeiros símbolos e mitos ancestrais, e a coesão de seus elementos mais unificadores (Freire 2011, p.3).

Desde o ponto de vista linguístico a palavra maloka, é passível de desdobramentos em outros significados; e em nada se aproxima à visão reducionista civilizatória linguística, ou mesmo tocar a questão da arquitetura. Entretanto se nos focamos, por exemplo, na colocação que fez Oscar Freire relativo a origem da palavra e que esta estaria associada à uma 'origem', à uma 'raiz', 'o lugar da raiz', então começa a fazer sentido a palavra mandioca, que aparentemente nada tem a ver com a arquitetura, mais precisamente com a casa, a maloka. "*Mani'óka*", sendo que *mani* é milho, e *oka* é morada. Segundo o mito da origem da mandioca, resumidamente, *Mani*, era uma menina indígena de pele branca, que morreu e foi enterrada em uma oca por seus pais. Durante alguns dias, a terra permaneceu úmida devido às lágrimas dos que choravam no local com saudades. Para a surpresa de todos, tempos depois, surgiu uma planta no local. Ela foi batizada como 'Mandioca', que na língua tupi-guarani significa "Casa de Mani". Com o passar do tempo, o nome tornou-se o que conhecemos atualmente. Outra interpretação para a palavra mandioca, que se chamava *mandi'oka* em Tupi, quer dizer 'raiz da planta' *mandi'iwa*, que era o nome da planta inteira; avançando a semântica poderíamos ter também 'a casa da raiz da mani'iwa'. Na cultura, no mito da Menina Mandioca, a menina é enterrada à sua própria vontade, pedindo aos demais que não a arrancassem, para que ela então pudesse prover alimentos à comunidade. Se formos considerar apenas um mito isolado nada acrescentaria, porém se associarmos com a casa veremos que para essas culturas ancestrais a morada também está intimamente associada à comida a alimentação, ou de como o alimento também pode se traduzir como uma casa. Quando como começamos a entender o profundo significado da maloka começamos a perceber de como a nossa compreensão do mundo civilizado materialista é reduzido e redutor, dando à casa apenas o sentido de proteção, abrigo, ou mesmo até de um lar de uma acolhimento; entretanto abdicando de um universo de possibilidades que o própria ideia de morada, casa, abrange; e que em outras palavras é a representação direta do entendimento do cosmo mundo.

Seja como for, uma maloka, em sentido geral, de comum aceitação é uma unidade tradicional ímpar, composta por vários membros ligados por laços de parentesco (orientados por uma sabedoria ancestral); e também visitados por outros grupos de maloqueiros. Nos dias de hoje também por visitantes ou por quem o possa frequentar permanente ou ocasionalmente para receber instruções em saberes tradicionais, participar dos rituais, ou por outros motivos.

A maloka, por exemplo, para os Uitotos representa a Mãe Cósmica, o centro do centro, esse centro na maloka dos Uitotos é onde se pratica o *mambeadero* de coca, é dentro desse útero-maloka onde se produz as coisas e o mundo para os Uitotos. A maloka, para os Uitotos é também o lugar onde nascem as palavras, brotam as ideias durante o *mambeadero*, onde se dá a comunicação entre o mundo dos espíritos e o terrenal. Outro utensílio fundamental na cosmogonia indígena Uitoto é o 'balaio', o 'cesto', considerado como metáfora de universo, útero, a estrutura que molda o cosmos, os filamentos do cosmos; o tecido do universo, a trama, a 'teia cósmica'.

8 FREIRE, Oscar. *La maloca de los saberes*. Em: Mapa Humano de Povos, Grupos Étnicos e Culturas. 2011, p.1. Em: <https://web.archive.org/web/20110711000457/http://mapahumano.fiestras.com/servlet/ContentServer?pagename=R&c=Articulo&cid=1265045033588&pubid=982158433476>

Desde aquele conceito inicial pejorativo da maloka até esse momento, temos uma total inversão da compreensão da maloka. Ela. Agora, é mais que um simples barraco ou choça, ou na melhor das hipóteses uma construção onde se privilegia a técnica principalmente da cobertura, como a arquitetura acadêmica tem considerado. Percebe-se que ela é muito mais do que a casa ou o conceito de lar para os civilizados; ela é o lugar de comunicação com o cosmos, com o mundo dos espíritos (lugar sem lugar); dentro dela cabe o mundo. Normalmente o que se tem visto na academia é a sua classificação como um gênero de arquitetura, algo similar à um gênero de romance: assim se criou o gênero 'arquitetura indígena', assim como fizeram com 'arquitetura vernacular'. Aceitando-se como um gênero menor dentro do grande tema Arquitetura Civilizatória-Civilizada, algo passível de ser lido e até capaz de inspirar estruturas arquitetônicas contemporâneas, fonte de inspiração técnica construtiva, mas jamais uma referência de vida, um modo de morar.

Como vimos antes, a maloka é também politicamente um símbolo de uma resistência milenar e de preservação da cultura indígena, chega-se a duvidar como essa perenidade da arquitetura vegetal durou mais de dois mil, quatro mil anos no mínimo, e comparativamente tão eterna quanto a arquitetura pétreo. Essa permanência sobrevivência do efêmero, representação direta da existência mesmo, arquitetura que tem que ser reconstruída de tempos em tempos só é possível graças ao sentido de comunidade. E, é a própria maloka com sua organização espacial e estrutural cosmogônica que permite que as pessoas que ali vivem permaneçam unidas, mantendo a unidade, se reúnam, compartilhem conhecimentos, celebrem suas tradições e as mantenham vivas, sempre em conexão com a natureza e seus ancestrais. Hoje podemos agora entender que a Amazônia é a grande maloka, a Casa Comunal de todas as culturas que ali vivem. A terra: a grande maloka,

As malokas devem ser reconstruídas de tempos em tempos, e cada etnia tem seu próprio tempo, por exemplo, para os Uitotos em média, a cada 3 anos; os Enawene Nawe reconstituem as *hakolo* em média a cada 5 anos. A necessidade técnica e funcional se dá devido ao desgaste natural da palha e madeira, contudo, estas etnias como as demais respeitam uma agenda ritualística demandada pelos espíritos, que é definida por um calendário que respeita os ciclos de plantio, os seres vegetais, o período de colheita e pesca, com acordos complexos e secretos com os espíritos que vivem na floresta e rios.

A maloka guarda saber, é preciso aprender o mundo que ela nos mostra. Quiçá, ela ainda possa nos ensinar, orientar para outro futuro que não seja esse futuro distópico que o capitalismo faz questão de promulgar, para que vivamos freneticamente o presente, antes que tudo se consuma. A estrutura comunal é uma realidade para esses povos e certamente, como referiu Enrique Dussel, é muito provável que os Socialistas Utópicos do século XIX, tenham se baseado nos relatos dos navegadores desses povos.

Entender a maloka desde um ponto de vista objetual, como um objeto mesmo arquitetônico, ou mesmo através de uma análise formal tipológica; de certa forma; estaríamos abafando todo o conteúdo e essência que essas moradas comportam, trazem, carregam, suportam em seu interior. Talvez, só vivenciando e experimentando na plenitude do corpo a interioridade desses espaços é que se possa entender o profundo enraizamento de cada povo com sua morada. E é exatamente essa a contribuição da pesquisadora Rafaela Bonotto que nos traz aqui neste artigo ao vivenciar a cultura Enawene Nawe.

Não seria exagero comparar a maloka à um 'ser' que protege o que está dentro, assim como existe uma série de cuidados, quase leis que todos devem seguir geração após geração, para cuidar desse 'ser-morada'. A maloka reforça a teoria não somente de

uma antiga ligação expressiva entre esses povos na América latina e Caribe, uma verdadeira rede de comunicação; mas também levanta raízes muito mais longínquas através das semelhanças tipológicas dessas habitações, como dito anteriormente, com algumas habitações de povos ancestrais da Ásia como as construções malasianas, ou da Indonésia, Timor Leste e da Polinésia.

### A maloka como estruturação cosmo mundi

A maloka simbolicamente, e fisicamente, ordena o mundo dentro de seu corpo; e a sua vez ela é também obviamente, ordenada pelo mundo; ela é o centro do mundo, e em seu centro passa o pilar axial, segundo Rene Guenon, ainda que não presente, muitas vezes, fisicamente. Para a civilização é um pouco difícil entender e acreditar nesta ideia de centro. A partir da revolução copernicana e da modernidade no século XVIII, a humanidade desenvolveu uma nova experiência do espaço que rompeu a esfera cósmica que organizava o mundo, na qual cada cultura tinha o seu próprio centro. Antanho, havia milhares de centros de mundo que se conectavam com o Uno. Desde então, o ser humano teve que aprender um novo modo de vida onde a terra não é mais o centro do mundo, e muito menos cada lugar do mundo. No primeiro capítulo do livro *Espumas* do filósofo e antropólogo Peter Sloterdijk, nos mostra a reviravolta que Nicolau Copérnico deu ao inverter o cosmo-mundo e que arrastou um giro em toda a cosmogonia ocidental, esse giro representou para a humanidade a perda desses diversos centros cosmológicos e deu lugar a uma sucessão de épocas de descentralizações, e desde então acabou para os habitantes da terra, todas as ilusões sobre sua situação no regaço (ventre) do cosmos, no umbigo do mundo.<sup>9</sup>

Sloterdijk mostra em *Espumas* o grau do despreparo humano para entender essa cosmologia que não tem nada de humano, uma exterioridade monstruosa que só exala o frio estelar e a complexidade extra-humana. O civilizado homem europeu se converteu num idiota do cosmo, como bem expressou, "se condenou ele mesmo ao exílio, e se expatriou na terra do sem sentido perdendo seu abrigo memorial nas bolhas de ilusão entretecidas por ele mesmo. Ele derrubou o telhado de sua velha casa desde dentro."<sup>10</sup> Não é à toa que a cobertura, o telhado, o duomo, da maloka é o elemento marcante e predominante da morada, onde parece que toda a estrutura vertical e horizontal está destinada a segurar o cosmo. A cobertura se apresenta mesmo como uma espécie de céu.

Outra crítica à cosmologia científica é dada pelo pensador, poeta e escritor Nego Bispo, que argumentava que os saberes populares e das comunidades denominadas tradicionais carregam diversos e valiosos entendimentos sobre as variadas formas de "viver, ver e sentir a vida". A 'cosmofobia' - conceito cunhado por Nego Bispo- poderia ser considerada como a disseminação de valores oriundos da crença euro cristã monoteísta, determinando ideias e práticas que organizam nossa relação com a terra (exploração), o trabalho (castigo) e o Divino (um único Deus). Ou seja, a cosmofobia se caracteriza pelo medo e/ou rejeição das formas de compreensão do cosmo não europeias que integram o ser humano e natureza em um equilíbrio dinâmico. Entendida por Nego Bispo como uma doença que os colonialistas espalharam, fazendo com que sintetizem tudo que vem da terra é terrífico, afastando os seres humanos da terra e dessa maneira conseguindo dominar diversos povos.

<sup>9</sup> Peter Sloterdijk. *Esfemas III. Esfereologia plural*. Madrid: Ediciones Siruela. 2009. P. 38.  
<sup>10</sup> Op. cit, p. 30

A estruturação das malocas; de modo geral, isto porque cada maloka possui sua singular cosmogonia e centralidade; podemos dizer que elas se estruturam a partir do cruzamento de três eixos desde o ponto de vista cartesiano, a saber: dois horizontais, e um terceiro vertical (ascendente) que criam esse ponto por onde passa o *axis mundi*, e funda a maloka.<sup>11</sup> Entretanto, não podemos afirmar que essa estruturação corresponda a eixos cartesianos, pois, esse é um ponto de vista extremamente racional, eles possuem outras designações e outras formas de medição como veremos na sequência. Aqui não há geometria euclidiana, a base da medida é dada pelos corpos e pelos espíritos, dos antepassados, numa geometria precisa, na 'justa metria' da mãe terra. Tomaremos, uma vez mais aqui o exemplo da maloka dos Uitotos, generalizamos para que o leitor possa entender o profundo significado cósmico da maloka e de sua alta precisão geométrica dentro de uma outra matemática; antes de adentrar e aprofundar o tema na *hakolo* da etnia *Enawene Nawe*.

A primeira marcação se dá com a corda, o fio, o *philo*, o que amarra tudo; a partir do centro com o qual se irá traçar um raio de aproximadamente três (3) metros que irá estabelecer o diâmetro do círculo, e onde posteriormente vai ser inscrito dentro dele um quadrado de aproximadamente 6 metros de lado, esse espaço será o lugar sagrado e em cada ponto desse quadrado se erguerá quatro pilares de tronco de altura que irá variar de 6 a 9 metros de altura. Como se pode perceber são bastante altos principalmente pensando que troncos de árvores desse porte, correspondem à um edifício de três pavimentos; e serão estruturados mediante vigas de madeiras que passam quase na parte superior.

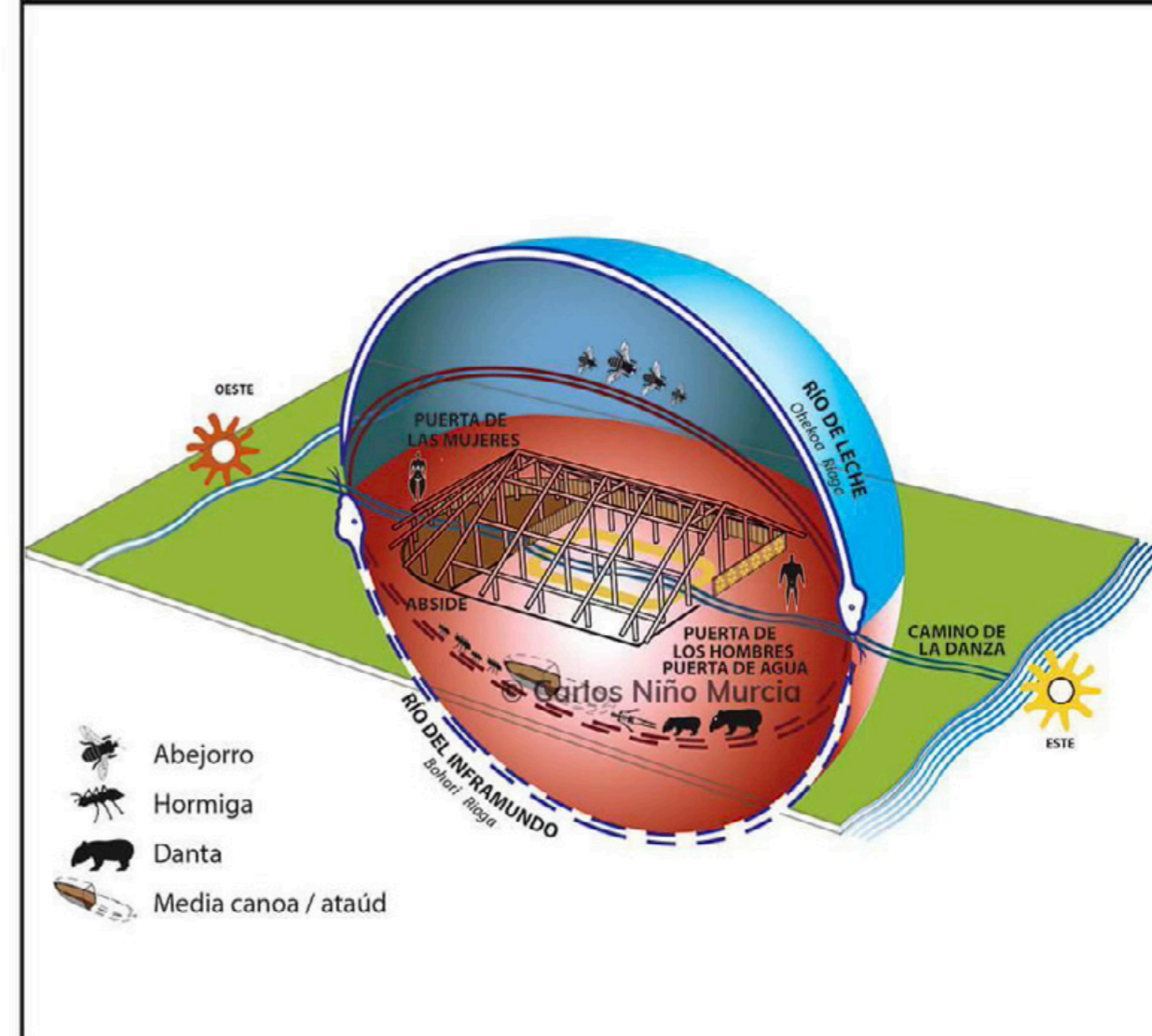
Uma vez definido o centro, posteriormente, se estabelece a divisão do círculo em quadrantes ou zonas, que estão destinados à localização de cada uma das aberturas (portas). A entrada principal, para os Uitotos, se dá sempre pelo leste, o nascimento do sol. Para algumas etnias como os Ufainas há um dia específico tanto para se fazer esta abertura, assim como também uma determinada hora para fazer a marcação no círculo, e também seu alinhamento com o ponto assinalado como eixo do mundo. Dependendo da hora quando a sombra de um bastão, colocado na circunferência do círculo, determinará o ponto central da porta leste. E, seguindo esse alinhamento se obtiveram por consequência o ponto oeste, o norte e o sul.

Na cultura Uitoto o centro da maloka, é chamado de "peito do jaguar", o xamã senta-se em seu banquinho ritual para se comunicar com os espíritos dos ancestrais, indica as fórmulas das plantas para curar os enfermos, e orações relacionadas à alimentação. É também ali que os homens colocam máscaras e dançam para reencenar os eventos do Princípio, aqueles que deram origem ao grupo.

Como bem aponta o professor Juan Pablo Duque Cañas arquitecto, e filósofo (Universidad Nacional de Colombia) em seu artigo *La maloca amazônica*, "Essas estruturas, em parte devido ao seu tamanho considerável, caíram em desuso por muitos anos em certas regiões, pois se tornaram o foco da atenção de missionários católicos que as consideravam locais pagãos que precisavam ser erradicados. No Brasil, Peru e Colômbia, esse risco foi particularmente acentuado entre os séculos XIX e XX devido à implementação de missões de evangelização e doutrinação realizadas pela Igreja e endossadas pelos respectivos governos".<sup>12</sup>

11 *Curiosidades sobre malocas indígenas del Amazonas*. by adminAmazonate on 14 sep 2019. Em: <https://www.amazonate.com/blog/malocas-indigenas-del-amazonas>

12 Juan Pablo Duque Cañas *La maloca amazônica* Em: <https://www.revistacredencial.com/historia/temas/la-maloca-amazonica>



## MALOCA BARASANA

A partir de: C. Hugh Jones, 2013  
Diseño: CNM



A maloca tem 4 (quatro) entradas, 4 (quatro) passagens que comunicam o mundo lá fora com o mundo de dentro. Na maloka dos *Barasanas* (Colômbia), por exemplo, os homens entram pela porta principal (Leste), as outras três portas são bem específicas: o chefe do clã entra com a caça por um dos lados, pelo outro lado entra a colheita da *Chagra*, as mulheres pela porta Oeste, que é serve também para o banho no rio.

A maloka Uitoto possui 2 pisos, que se situam, nas laterais como se fosse um jirau, e nunca chega próximo aos 4 pilares do centro, esse segundo piso se denomina *Sai ai*. Algumas malocas possuem duas grandes aberturas triangulares na cobertura: uma voltada para o nascer do sol (leste) e outra para o poente. A cobertura dessas malocas constituem-se de um fantástico trabalho de trama de galhos de árvores dimensionados e cortados previamente segundo seu sistema de medição, conformando um incrível tramado como se fosse um gigantesco balaio, a partir de uma tessitura de folhas de palmeiras.

O espaço dentro da maloka dos Uitotos é dividido, organizado a partir da estruturação da cobertura, vigas e pilares, que conformam quadrados de tamanho médio de 6 x 6 metros, sendo que cada um destes é destinado para uma família. as pessoas, as famílias moram todas juntas, mas cada uma tem seu espaço dentro da mesma morada.

Fonte da ilustração: Niño, M. C. Territorio chamánicos: Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno. p. 30.

Em sua tese de doutorado, "*Cosmologia e Mitologia de Tanimuka, Amazônia Colombiana*", o fundador da Gaia Amazonas, Martin von Hildebrand, explica que na parte mais alta da maloca, aquele espaço formado por quatro vigas centrais representa o mundo do conhecimento. Esta é a área central, o centro do universo, e é um espaço reservado à reflexão masculina e da comunicação com os espíritos, é onde está colocado o banquinho do xamã. O segundo espaço ao redor que conecta as duas vigas ou pilares menores é considerado o mundo da música. E, o espaço entre as vigas menores e a borda externa representa o mundo dos abutres. Ali, há também uma área reservada para rituais e danças, embora também seja usada para atividades cotidianas de homens e mulheres, é também um espaço masculino. Segundo o etnólogo e antropólogo Martin von Hildebrand, entre as vigas menores e a borda externa, há um espaço reservado à transição masculino-feminino representada nas alianças, ou seja, o casamento de homens com mulheres de outras malocas, de outras etnias. Tradicionalmente, as famílias nucleares eram distribuídas nesse espaço, onde comiam, dormiam e, ao morrerem, eram enterradas sob o local onde antes penduravam suas redes.

No espaço central da maloka dos Uitotos, como nos referimos anteriormente acontece o mambeo da coca<sup>13</sup>, e ao redor, como descrevemos antes, está o espaço para diversão e as danças; e dos dois lados embaixo do segundo piso, e a zona doméstica, onde os convidados dependuram suas redes.

*Ananeko* é o nome que os Uitoto Murui-Muina dão à sua maloka. Para eles o *Ananeko* é a inspiração espiritual do pai criador, uma representação do corpo humano e uma proteção para seus filhos. Como corpo humano, ele possui suas partes: pés, tronco, ombros e, no topo, a cabeça. O buraco ou janela triangular que pode ser visto na cobertura é por onde o sol entra.

Um elemento importante na maloca dos Uitotos é o instrumento de percussão *manguaré*, espécie de dois tambores, (troncos esvaziados) que servem para intensificar o som, marcar o ritmo da música, e para comunicar-se a distância e avisar da festa, e do mambeo. Esses troncos sonoros de comunicação são comuns em várias etnias como os *Bora*,<sup>14</sup> e esses troncos ficam suspensos no ar por cordas, e embaixo deles está

13 A variedade *ipadu* da coca (*Erythroxylum coca*) é utilizada por um número restrito de grupos indígenas da região amazônica: grupos de filiação lingüística Tucano oriental, Aruák e Maku-Puinave da região do Grande Uaupés (alto rio Negro, Uaupés, Apaporis e Mirití); e grupos de filiação lingüística Witoto, Bora e Andoque do interflúvio dos médios rios Caquetá e Putumayo (conhecidos no Brasil como Japurá e Içá, respectivamente). Atualmente, já há uma boa literatura produzida sobre o uso andino da coca, sobretudo no Peru e na Bolívia, havendo, no entanto, muito pouco sobre a contraparte amazônica. *Mambear coca* é uma disciplina de conhecimento masculino (seu uso geralmente não é permitido às mulheres em idade fértil), está ligada à educação corporal e moral ("estar atento, se cuidar, guardar dieta"); e, segundo, é um veículo da vida social e política, expresso em sua forma mais clara na "instituição" do mambearero (lugar de preparação e consumo da coca em pó e lugar de diálogo). Ambos os significados do termo – disciplina do corpo e do espírito, e diálogo social –, têm um sentido fundamentalmente religioso, e ambos estão também intimamente ligados ao consumo do tabaco (*Nicotiana tabacum*). Esse sentido religioso do consumo da coca e do tabaco o manifestam os indígenas quando dizem que a coca e o tabaco "tem espírito", pelo que *mambear coca* não é meramente "pintar a boca de verde". Quer dizer, não é apenas o consumo da substância ou seus efeitos levemente estimulantes, mas sim as disciplinas corporais e sociais que derivam dos modos como a planta é entendida e manejada. Juan Álvaro Echeverría; Edmundo Pereirab. *'Mambear Coca no Es Pintarse de Verde la Boca' Notas sobre el uso ritual de la coca amazónica*. Revista ANTHROPOLÓGICAS. Ano 28, 35(1): 34-75, 2024. Em: <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2024.26518>

14 Embora o modo de vida desse povo tenha mudado consideravelmente e as casas unifamiliares sejam predominantes nos assentamentos Bora, os *manguarés* continuam sendo importante meios de comunicação. O povo Bora vive principalmente na parte nordeste da fronteira da Colômbia. De acordo com os resultados do censo nacional de 2017, 1.151 pessoas em todo o país se autodeclararam Bora com base em seus costumes e ancestralidade; e por meio de trabalho de campo realizado pelo Ministério da Educação, 748 pessoas relataram falar a língua Bora. Dados obtidos pelo Ministério da Cultura estimam

enterrado um xamã ancestral. As malocas dos Bora são na forma octogonal, e os Bora são conhecidos, entre outras coisas, pelo sistema de comunicação que utilizava o *manguaré* (*kümüba*, nome dado pelos Bora aos *manguaré*) composto de dois tambores e baquetas de mogno que se servia para malocas. Esse instrumento produzia sons com tons semelhantes aos da língua Bora. Até os dias de hoje os *manguarés* são utilizados como sistema de comunicação.

Na construção da maloka há um tempo para cada etapa. Na *Cartilha Fodimie: aprendamos a construir uma maloca Uitoto Etinia Muina Murui Maloca*, de Luis Gilberto Delgado Ortega, Edwin Ortiz Heredia, e Laura Andrea Diaz López da Universidad La Gran Colombia, os autores nos mostram todas as etapas da construção da maloka Uitoto da etnia *Muina Murui*.<sup>15</sup> Abaixo descreve-se resumidamente esse processo para dar conta da complexidade que envolve o processo construtivo, para além do mero técnico-construtivo como é correntemente abordado por muitos arquitetos.

O Ritual de Início. Para iniciar o trabalho, é realizado um ritual em que os anciãos se reúnem para pedir permissão à Mãe Floresta, para extrair os materiais para a construção da Maloca. Para eles, as partes que extraem da floresta, o corte da árvore, é algo vivo, como um animal que é caçado, morto e desmembrado. Na reunião, perguntam quem conhece um local de onde possam extrair o material que a Mãe Floresta mostrou aos anciãos. Após a cerimônia, o grupo participa do processo de organização do trabalho, começando pelos materiais e as funções de cada membro da comunidade. Uma vez de posse dos materiais, iniciam o trabalho e trabalham até a sua conclusão. À noite, descansam, reúnem-se para partilhar, dançar, cantar e ouvir opiniões sobre o trabalho. Também preparam o '*mambeo*' para o dia seguinte.

O maloqueiro divide as pessoas em grupos para a extração de cada material, como: a madeira de *huacapu*, a madeira de *caimitillo*, *chonta*, *bejuco* e palmeira *caraná*. A extração do material é feita em grupos, e os cortes são feitos dois dias antes da lua crescente. Não pode ser feito durante a lua minguante, pois o nível da água na madeira tende a subir, a madeira contém muita umidade, tornando-a vulnerável a ataques dos insetos que afetam seu ciclo de vida. Assim, a madeira é deixada para secar por um mês para evitar que a umidade atraia insetos que a danifiquem, e afetem e acabem também afetando a estrutura da Maloca. A madeira é deixada para secar ao ar livre. E cada peça tem seu dimensionamento pré-determinado (Ortega Et Alli, p. 3).<sup>16</sup>

a população das comunidades Bora em 781 pessoas. A história dos Bora está intimamente ligada à dos Huitoto, com os quais, juntamente com os Ocaina, compartilham muitas características culturais. Originalmente, eles se estabeleceram ao longo das margens dos rios Igara-Paraná e Caquetá (Colômbia). No entanto, no final do século XIX, funcionários da empresa de borracha Casa Arana os forçaram a se realocar para outras bacias hidrográficas. Durante o ciclo da borracha, todo o território Bora estava contido na vasta região de Putumayo, propriedade de Julio C. Arana e sua Amazon Rubber Company. Nessa região, o implacável Arana escravizou os habitantes locais, forçando-os a trabalhar para ele por salários miseráveis. Os mais afetados foram não apenas os Bora, mas também os Huitoto, Andoque e outros grupos indígenas. Pedro Mozombite. *A Bora: a maloca, um sítio cerimonial ancestral*. 01/08/2025. Em: <https://diariolaregion.com/los-bora-la-maloca-un-sitio-cerimonial-ancestral/>

15 Devemos assinalar que os "uitoto" ou "huitoto", eles mesmos preferem denominar-se *murui-muinane*; segundo Oscar Freire. Freire, op. cit.; p. 6.

16 Os cortes de madeira se dão da seguinte forma: Quatro (4) troncos maiores: 7 metros de comprimento e 30 centímetros de largura. 14 Talos menores: 3 metros de comprimento e 20 centímetros de largura. Dez (10) troncos maiores: 15 metros de comprimento e 15 centímetros de largura. 22 caibros menores: 6 metros

Como também explicitou também Oscar Freire:

Assim, cada pau da maloca possui um nome e uma função tradicional. É dito, foi nomeado na origem, e representa fases rituais precisas. O conhecimento de todos os nomes transmitidos de geração em geração (salvo algumas exceções, em termos de atualidade ou é um conhecimento fragmentário) não implica apenas a idoneidade no ofício, mas também a eficácia do simbolismo operativo no “modo de vida” e na “qualificação” sacerdotal exigida (Freire, 2000, p. 4).

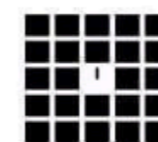
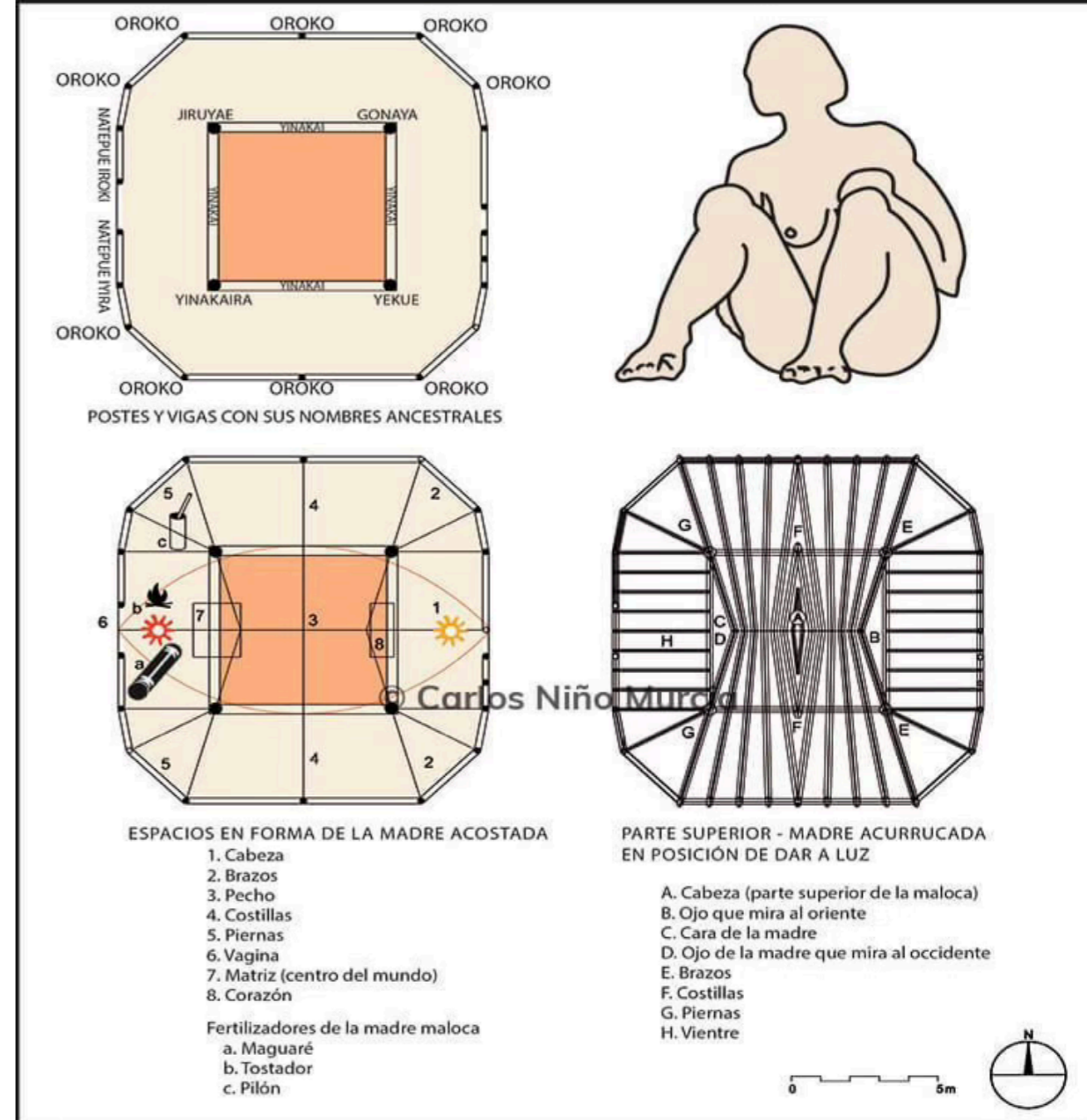
Na maloka em si, seu interior deve permanecer quase vazio para transmitir a ideia de um útero, e a estrutura e a cobertura, assim como os lugares dentro, representam parte desse corpo materno que possui o útero. Na figura abaixo se pode perceber a relação intrínseca existente entre as partes e os espaços gerados pela estrutura e o corpo da mulher indígena na cultura dos Uitotos, e de como essa arquitetura determina e reafirma a cosmogonia dos Uitotos através da arquitetura enquanto símbolo. Na figura abaixo de Carlos Niño Murcia, os autores mostram “Partes e significado da maloka Uitoto”:

1. Cabeça
2. Braços
3. Peito
4. Costelas
5. Pernas
6. Vagina
7. Útero (Centro do Mundo)
8. Coração

Na parte superior à direita da figura: Mãe agachada em posição de parto, representa a matriz da estrutura toda da maloka sua cobertura e aberturas, tudo aqui é simbólico. O telhado também representa a Mãe, - elemento construtivo da cobertura que protege, guarda e reveste a construção - o telhado é feito como se fossem cabelos com folhas de caraná.<sup>17</sup> Vejamos essas partes segundo o Manual (figura na parte inferior a esquerda):

- A.** Cabeça, localizada no centro do centro da Maloka.
- B.** Olho olhando para o Leste, é abertura superior onde entra a luz de manhã, ou melhor: a abertura que permite coincidir o sol e olhar.
- C.** Rosto da Mãe.
- D.** Olho olhando para o Oeste; é a outra abertura superior, oposta, onde entra a luz que se está esvanecendo, é o poente.
- E.** Braços, colocam-se atrás do corpo como apoio, nas extremidades em direção ao nascer do sol, quadrantes noroeste e sudeste, orientações estas N-S-L-O que não tem significação nenhuma para os indígenas, essa posição pode ser invertida, pois a mulher pode

e 15 centímetros de largura. Quatro (4) vigas superiores: 8 metros de comprimento e 25 centímetros de largura. Quatro (4) vigas inferiores: 8 metros de comprimento e 15 centímetros de largura. E, mais quatro (4) vigas inferiores: 4,95 metros de comprimento e 25 centímetros de largura (ORTEGA ET ALLI, p. 3).  
<sup>17</sup> Para o processo de defumação da maloka, eles se utilizam de folhas de *Yarumo*, com essas folhas, um fogo controlado é feito dentro da maloka e deixado até que o fogo se apague. Isso serve para imunizar a madeira da maloka, e a cobertura protegendo-a de insetos. (ORTEGA ET ALLI, p. 6)



## PARTES Y SIGNIFICADO DE LA MALOKA UITOTO

A partir de: Corredor, 1986  
 Diseño: CNM



tanto olhar para um lado como para outro.

**F.** Costelas, são todos os caibros, que compõem a estrutura e literalmente se assemelham às costelas de qualquer animal, esta alusão é o que favorece a percepção de estarmos dentro de um grande ventre de um ser, protegidos, como um útero.

**G.** Pernas, estão afastadas do corpo e em direção à frente, constituem-se nos quadrantes posteriores orientados ao poente (noroeste, sudoeste).

**H.** A Barriga, estará situada entre as duas pernas (Ortega Et Alli, p. 5).

Fonte da ilustração: Niño, M. C. Territorio chamánicos: Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno. p. 25.

Entretanto o simbolismo não se restringe simplesmente ao corpo da mulher indígena, há toda uma correlação com os animais, as frutas, alimentação e espíritos da natureza que estão ali representados. Cada elemento estrutural tem uma identidade e um significado único, como o suporte de frutas, o suporte de junco, a sucuri e a tartaruga.<sup>18</sup>

### Similaridades tipológicas das malokas

Segundo o vídeo de Laura Angel, *Território Chamânico, Arquitectura indígena Colombiana. analisis de tipologia. Maloca*<sup>19</sup>, disponível no YouTube, Angel analisa a tipologia das malocas das etnias: Ufainas, Yukunas, Taiwanos, Barasana e Uitotos, todos na Colômbia. O vídeo tem por base o clássico estudo do arquiteto Carlos Niño Murcia, *Territorio chamánicos: Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno*<sup>20</sup>. Niño nos mostra que há malocas que se diferem entre si formalmente, mas partem de uma premissa muito similar a partir do centro estruturado pelos quatro pilares onde passa o eixo do mundo.

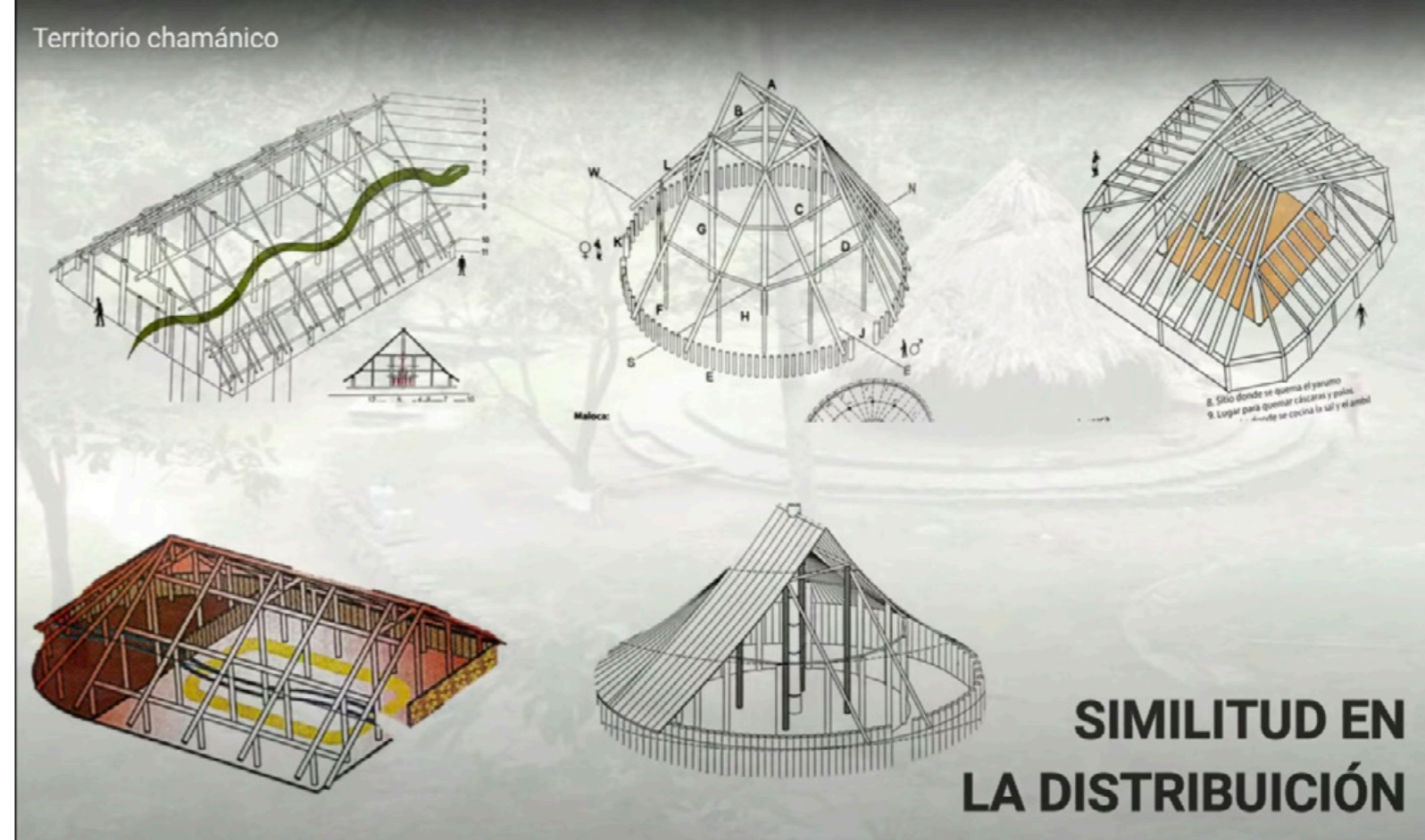
Com relação a forma a maloka dos Ufainas e Yukunas são redondas, seu centro é formado pelos quatro pilares mais altos, nos Ufainas esse centro identifica-se como o 'peito do Jaguar' e ao redor se estabelece a zona comunitária de ritual, e por último, próximo ao cercamento a zona doméstica, identificada como o feminino. As malocas Ufaina e Yucuna não possuem divisórias internas. O diagrama de base é circular, parte de uma circunferência, mas a estrutura da maloka se dá a partir da circunscrição do quadrado a esse centro, o madeiramento da estrutura de dará de forma ortogonal, adaptando assim o círculo com o quadrado ao mesmo tempo, onde as arestas da base da maloka buscam a circularidade. Toda essa trama é realizada a partir de um jogo geométrico entre quadrados, retângulos e triângulos numa alta complexidade geométrica.

A maloka dos Taiwanos é retangular, sua estruturação se dá mediante cinco naves longitudinais, uma planta de 15 metros de largura por trinta metros de comprimento; com uma porta central a frente e no mesmo sentido longitudinal ao fundo. Apresenta uma cobertura em duas águas, revestida também de palha, chegando praticamente ao chão nas laterais, sem a ideia de paredes de fechamento lateral, ao mesmo tempo em que a fachada principal adquire sua importância vertical e imponência complementada com pinturas representativas da cultura taiwana. Da mesma forma que as malocas Ufaina e Yucuna, a maloka Taiwana também possui seu centro destinada aos trabalhos espirituais; e as duas naves próximas também estão destinadas aos alimentos e aos rituais, e as duas naves próximas as paredes são destinadas a zona doméstica.

A maloka Barasana é similar a Taiwana, retangular, mas com a diferenciação que na lateral do comprimento se efetua com um semicírculo de fechamento, similar as plantas das igrejas góticas, uma abside, e essa parte semicircular ao fundo corresponde à área

<sup>18</sup> Outro exemplo significativo do simbolismo das malocas se encontra na Maloka dos Tawianos (Colômbia) estruturada no sentido longitudinal e cada uma com a largura modular de 5 cinco homens abraçados em posição de baile. Com medidas de 15 metros de largura por 30 metros de comprimento numa proporção de 2x1 que pode ser aumentada dependendo da quantidade de pessoas; e com uma altura de 7 a 9 metros. Como as demais o centro da maloka serve para os rituais sagrados. As zonas circundantes a esta onde se encontram os pilares é destinada aos alimentos individuais. há duas portas, uma por onde entram os homens da família, outra nos fundos da Maloka por onde as mulheres têm acesso. Detalhes sobre os tawianos, veja-se: <https://www.todacolombia.com/etnias-de-colombia/grupos-indigenas/taiwano.html>  
<sup>19</sup> Em: <https://www.youtube.com/watch?v=B2CYKfoubnk>

<sup>20</sup> Niño, M. C. *Territorio chamánicos: Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno*. Serie Antropología, Otras Miradas, Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia. 2005.



feminina, enquanto que a retangular corresponde ao masculino, onde esta o centro também estruturado pelos pilares mais altos, nas bordas está a zona das famílias. A estruturação se dá através de três naves longitudinais.

Resumindo, as malocas de diversas etnias apesar de possuírem formas geométricas distintas elas todas em seu interior são muito similares (similaridades na distribuição) e em sua organização; o centro é o espaço sagrado, ao seu redor sucessivamente a zona social e a zona doméstica. Este centro tanto na tipologia circular como na tipologia retangular é conformado por quatro pilares que o estruturam e marcam sua centralidade, o que permite separar esses espaços sem utilizar fechamentos, dando à esses espaços um significado sagrado. Algumas malocas possuem duas grandes aberturas na cobertura voltadas para o leste e oeste (Ufaina, Yukunas e Uitotos).

As malocas que não possuem aberturas são das etnias Taiwana, Barasana, e os haloko dos Enawene Nawe, como veremos adiante. Mas também não podemos afirmar que acontece em todas essas etnias visto que existe uma falta de estudos sistemáticos nessa área, tanto para bem como para mal. A maloka dos Yukunas não deveria considerar-se como duas aberturas: leste oeste, pois estas duas aberturas estão tão próximas que parecem ser uma abertura única.

Também é difícil afirmar que na maloka exista o conceito de paredes, cobertura, pilar e até vigas. Muitas delas a cobertura é o próprio fechamento do recipiente, como se fosse um manto, a cobertura se inflexiona estruturalmente como um balaio, como um todo para fazer o fechamento. Os pilares simbolicamente são mais que um elemento estrutural destinado a receber a carga das vigas e da cobertura e do telhado, da trama, eles conformam o *axis mundi*, a comunicação com o ascendente, este fato também é perceptível nas alturas do pilares, no centro são mais altos e a medida que se afastam do centro suas alturas diminuem, até chegar o nível do solo, da terra; e assim a cobertura faz a comunicação, separação e união entre céu e terra, ascendente-descendente.

Fonte da ilustração: Laura Angel, Territorio Chamánico, Arquitectura indígena Colombiana. analisis de tipologia. Maloca.



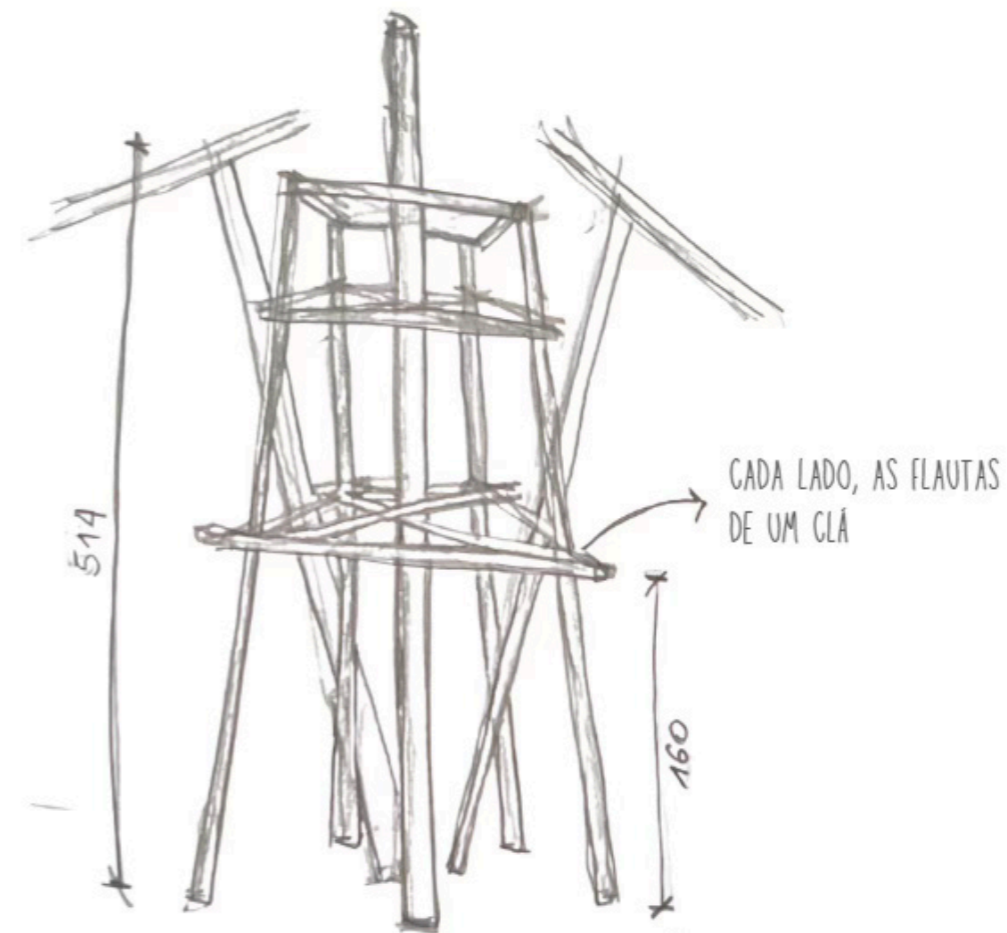
### Maloka e tempo

As malocas também são um instrumento para medir o tempo. Como explica Martín Hildebrant, existe uma profunda relação entre tempo, espaço, atividades cotidianas e o cosmos com a maloka. Como vimos em algumas malocas, na cobertura há duas aberturas triangulares: uma voltada para o leste e a outra para o oeste, que funcionam como um relógio de sol. “Todas as manhãs, o sol ilumina metade da parte superior da maloca e, ao anoitecer, os raios solares descem e iluminam o banco do cacique (el “dueño” o “sabor” de mayor respeto). Quando o sol está em seu ponto mais alto, ao meio-dia, entre os mundos da música e do conhecimento, a maloca escurece. Mas assim que a noite começa a cair, o sol reaparece, iluminando o lado leste”.<sup>21</sup>

Essas construções também funcionam como um calendário solar que orienta as comunidades quanto às épocas ideais de cada ano para a realização de determinadas atividades, como agricultura ou rituais. “Assim, devido aos movimentos do nosso planeta, o Sol muda seu ângulo em relação ao Equador: 23,5 graus para o norte em junho e 23,5 graus para o sul em dezembro. Ou seja, em março e setembro, o Sol repousa sobre o Equador, época do equinócio”.<sup>22</sup> Isso significa que cada maloka tem uma posição peculiar de ordenamento, não são colocadas ao acaso e ou obedecem a um terreno e ou parcelamento do solo como na cultura na cultura capitalista civilizatória.

21 Martín Von Hildebrant, citado em Gaia Amazonas. A Maloca: O Mundo da Casa Grande. 28/11/2023, 20h51. P. 2-4. Em: [https://www.gaiamazonas.org/noticias/2019-05-31\\_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/](https://www.gaiamazonas.org/noticias/2019-05-31_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/) Veja-se também: Martin Von Hildebrand. Notas etnográficas sobre o cosmos ufaina e sua relação com a Maloca. Biblioteca Banco da República. Colômbia . Maguaré (Bogotá) Vol. 2, não. 2 (1983-1984), pág. 177-210.

22 Gaia Amazonas. A Maloca: O Mundo da Casa Grande. 28/11/2023, 20h51. P. 2-4 [https://www.gaiamazonas.org/noticias/2019-05-31\\_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/](https://www.gaiamazonas.org/noticias/2019-05-31_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/)



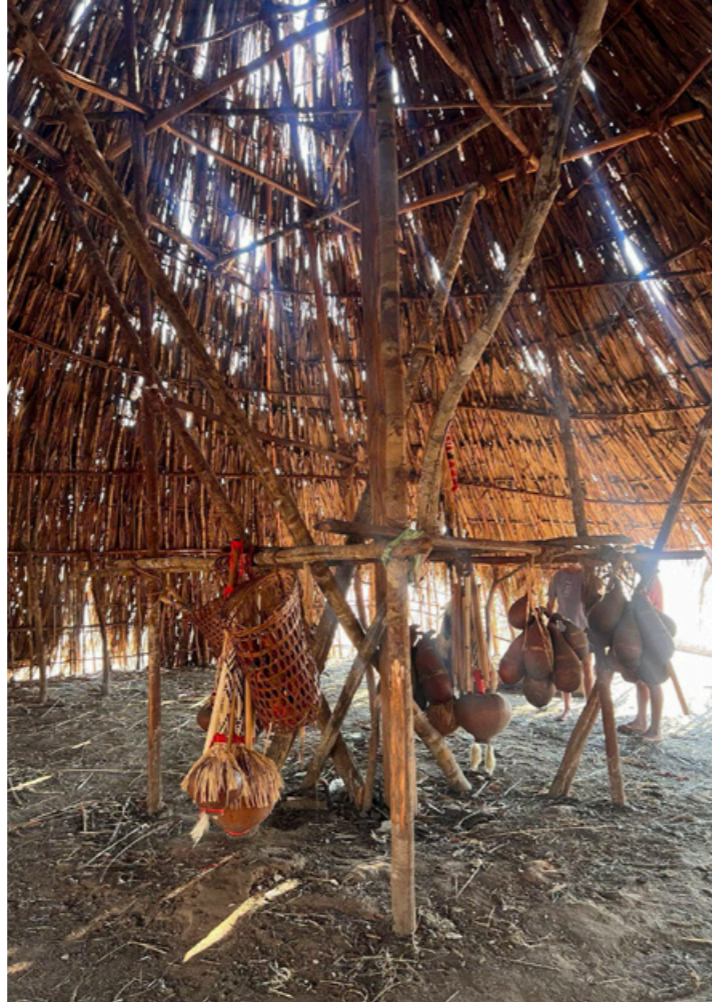
### Hakolo Enawene Nawe<sup>23</sup>

Os Enawene Nawe fazem parte do tronco linguístico *Aruak*<sup>24</sup>, que os conecta linguisticamente com outras importantes etnias como os Tapajós e os Paresi da Amazônia meridional brasileira. Os Enawene Nawe ocupam uma área homologada em 1996 de aproximadamente 742 mil hectares no vale do rio Juruena, formador do rio Tapajós. Esta área não condiz com a totalidade do território tradicional, parte dela, reivindicada nas negociações para a demarcação, chamado de Adoiná, em português, Rio Preto, é uma área importantíssima cosmologicamente para os Enawene Nawe e ficou de fora da demarcação. Adoiná é uma das moradas dos Yakariti, seres poderosos, imortais, insaciáveis, exigentes, impiedosos, onipresentes, conscientes e essencialmente patogênicos que tratam os Enawene Nawe como meros mortais.

A terra indígena ocupa uma área de transição entre cerrado e floresta equatorial, e o Adoiná é a área de floresta, uma região com animais, alimentos, ervas medicinais e outros elementos que não são encontrados no cerrado, mas fazem parte da cultura e sobrevivência desse povo.

23 Esta seção reúne relatos elaborados a partir de observações realizadas durante um período de estadia da pesquisadora Rafaela Bonotto na aldeia Doloikwa/Kotakowinakwa, do povo Enawene Nawe, localizada no noroeste do Mato Grosso. As anotações, registradas no cotidiano da convivência, oferecem elementos que permitem compreender aspectos das formas de habitar e como a organização social e práticas culturais se estabelecem a partir da vivência em comunidade.

24 O *Arawak* é um dos principais troncos linguísticos indígenas falado principalmente na região da Amazônia Internacional. Estima-se que existam mais de 690 mil falantes. No tronco linguístico *Arawak*, estão catalogadas 74 línguas de vários povos indígenas do Brasil, para conhecer esses troncos linguísticos, veja-se em <https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/arawak/> Uma extensa bibliografia sobre enciclopédias das línguas *Arawak* pode ser encontrado em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_aruaques](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_aruaques)



A aldeia atual possui uma divisão em sua nomenclatura devido ao alto número de casas comparado a aldeias anteriores, são elas: Doloikwa e Kotakowinakwa. Atualmente, são 52 grandes casas comunais com plantas baixas retangulares dispostas em círculo. No pátio central está localizada a primeira casa a ser construída na aldeia, que é destinada aos espíritos, é a chamada 'Casa das Flautas' do Yaõkwa. Segundo Márcio Silva, que registrou informações sobre a aldeia Enawene Nawe construída em 1993, chamada *Matokodakwa*, esta casa seria construída com um técnica arquitetônica especial, o que a tornaria ainda mais resistente do que as casas comunais residenciais. Na visita à aldeia *Doloikwa/Kotakowinakwa* em 2025 observou-se a presença dessa diferenciação técnica, associada sobretudo à configuração formal da construção, sem que tal especificidade implique, necessariamente, maior durabilidade em relação às demais construções.

A palavra que representa a morada para os Enawene Nawe é chamada de *hakolo*; como vimos anteriormente cada etnia tem um nome próprio para designar suas habitações. Na língua deste povo, não existe a palavra 'casa', tampouco a palavra 'maloca' visto que a palavra maloca é mais utilizada pelas etnias da Colômbia. Entende-se que sendo a linguagem uma forma de enquadrar conceitos, dentro da temática de habitação indígena é importante cautela de nomenclaturas como forma de diferenciar e reconhecer as distintas identidades. Assim optamos por conservar o nome original, sem entretanto deixar de vincular tipologicamente com outras etnias. Desta forma, entende-se que ao chamarmos as *hakolo nawe*<sup>25</sup> de malocas, não enquadrados dentro um conceito, mas simultaneamente sem negar as familiaridades abraçamos a ideia de que as casas comunais existem de diversas formas, com diferentes composições, mas com propósito em comum a outras etnias parentes.

25 *hakolo nawe* - *hakolo*: casa / *nawe*: sufixo que caracteriza plural.

A Casa das Flautas do Yaõkwa é a morada das legiões de espíritos dos clãs, representados por suas flautas. É proibida a entrada das mulheres, mas a permissão para a medição interna da casa-dos-clãs foi permitida em virtude da condição não indígena.

As *hakolo nawe* são espaços complexos tanto a nível organizacional como técnico-construtivo e arquitetônico. Durante a visita foram realizadas medições em uma das 52 *hakolo*, a véspera da reconstrução devido a necessidades de manutenção. Apesar de não utilizarem o sistema métrico ocidental, é impressionante a precisão de medidas registradas. As medidas são feitas através dos próprios elementos construtivos, tendo um elemento inicial como referência. Por exemplo, para a coleta de elementos estruturais de madeira, selecionam um tronco com a medida desejada (estimada 'no olho') e usam como base para a escolha das próximas peças. Outra ferramenta utilizada como comparativo métrico é o cipó, que funciona como uma fita.

As habitações dos Enawene Nawe são em formato retangulares com fachada entre 8,5 a 10 metros, proporção que se reproduz visivelmente em todas as casas comunais. O comprimento, contudo, permite alongamento, de acordo com a quantidade de moradores de cada *hakolo*, situando-se entre 20 a 40 metros de comprimento. A cobertura de palha, recobre o teto e as paredes laterais, constituindo-se praticamente num corpo único vegetal como se fosse um grande manto que respira. Esta cobertura de palha permite a saída da fumaça e mantém o interior fresco durante o dia.

Pensar uma morada sem o espaço do ar é quase tão inimaginável, para nossa cultura, quanto imaginar uma casa respirando. Engenheiros e técnicos das patologias da construção têm conhecimento desse fenômeno, mas não transbordam para o entendimento do humano, ficam em sua cegueira. Os edifícios modernos acristalados não respiram, necessitam ventilação mecânica (ar domesticado) como enfermos num hospital. O ar não se planifica, nem se dobra, apenas invade. Por isso é imapeável, se sente, se respira. Toda arquitetura fechada é uma casa sem amor, incomunicável. Toda casa quando se fecha é um atentado à vida, quando sua porosidade, sua capacidade de permeabilidade da natureza dos materiais é alterada, é um atentado à entrada do outro. É inóspita. O filósofo e antropólogo Peter Sloterdijk explicara em seu livro *Espumas*, a importância da respiração na ancestralidade, na cultura dos ditos chamados 'primitivos', no caso aqui, dos Enawene Nawe parece que o trecho a seguir se refere diretamente à eles, pois quem admite a força da inspiração admite que as ideias que vem subitamente não são ideias triviais, e cujo fenômeno não se pode forçar. Sloterdijk, vai além, seu 'meio' não é seu dono, seu receptor também não é seu produtor. "Inspiração, inalação, exalar, insinuação, incursão ascendente de uma ideia, abertura ao novo, esses conceitos designavam em outra época de como uma força superior chegava até a consciência humana. O céu, diriam os metafísicos, despontava como informador da terra e oferecia signos, algo estranho entrava no próprio pela porta e se fazia escutar."<sup>26</sup> Ao fim e ao cabo na relação criador e criatura, entre o inalador e o inalado, uma relação de simultaneidade e reciprocidade, onde um se alimenta do outro. Talvez mais do que ninguém, os Enawene Nawe saibam que a arquitetura é 'ar-que-itectura.'<sup>27</sup>

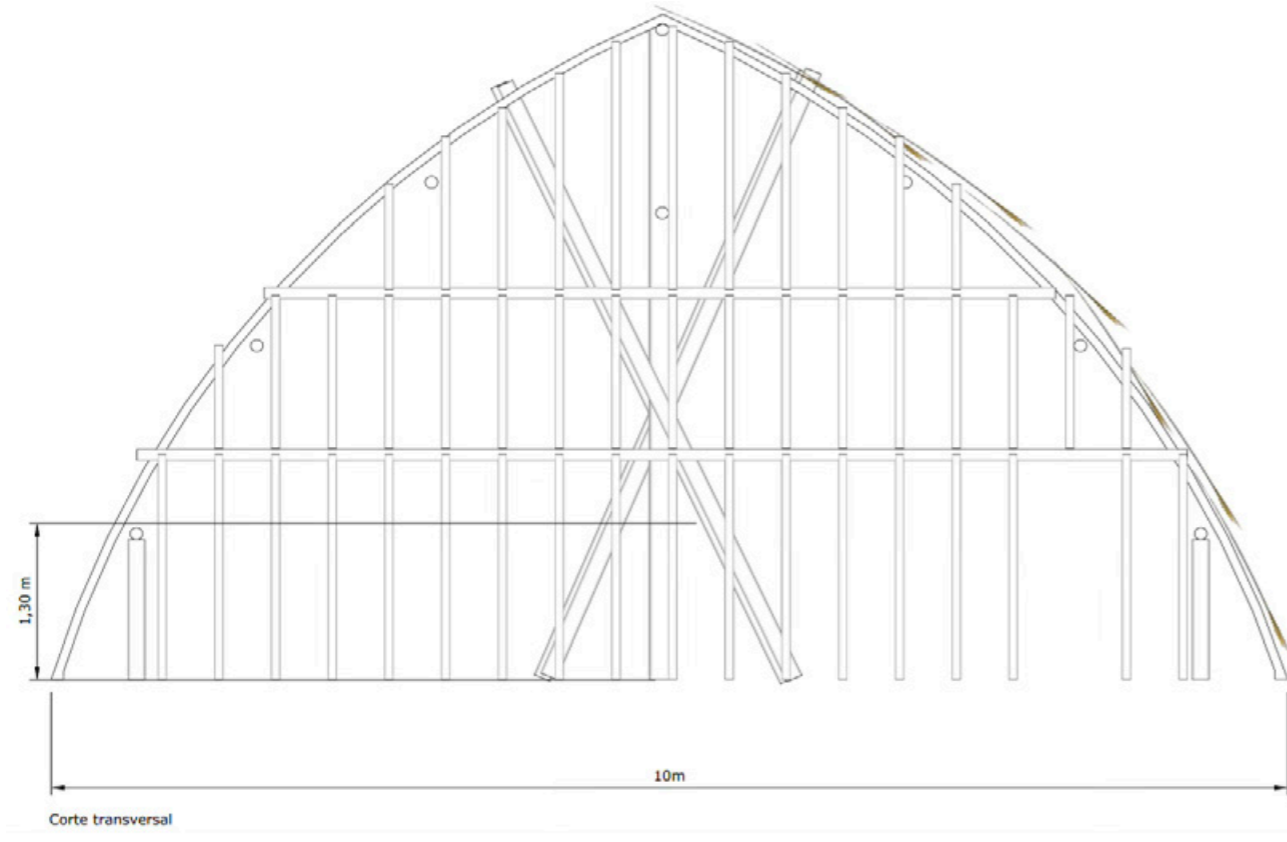
26 Sloterdijk, op. cit.; p. 38.

27 Nesse sentido veja-se: Fuão, Fernando. Viagem ao fim do mundo. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 6, n. 21. Em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/22917/0> Também, em: [https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo\\_28.html](https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo_28.html).

Interior da hakolo. Percebe-se a estrutura dos 3 pilares centrais que suportam a carga da cobertura e fazem com que percebamos o espaço com o se tivessem num sótão de uma casa.  
Fonte: Rafaela Bonotto. 2025.

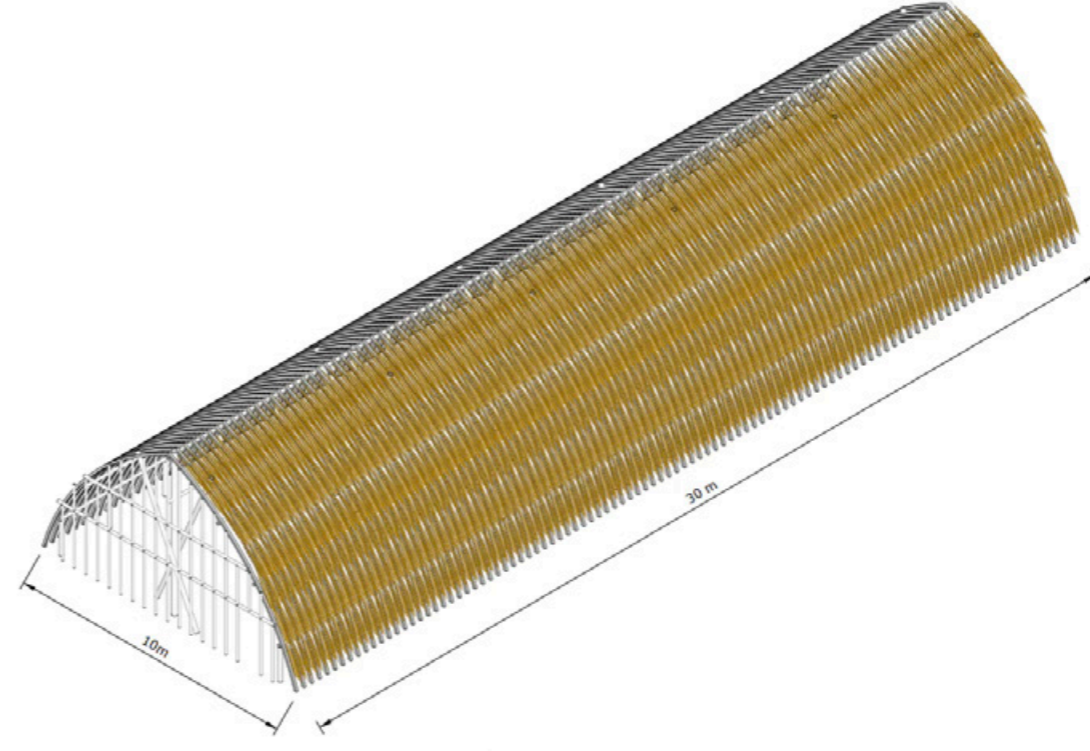


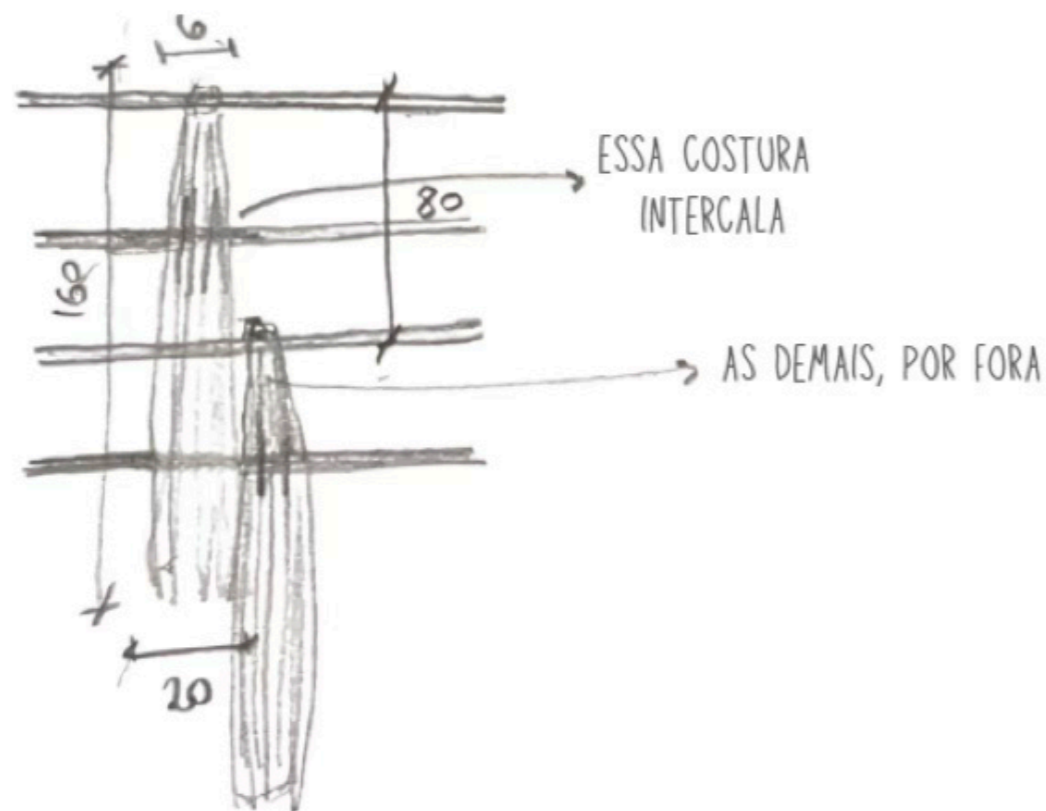
Corte transversal. Desenho resultado do levantamento arquitetônico.  
Rafaela Bonotto. 2025.



Dentro do espaço dedicado ao casal e seus filhos, espaço para dormir à noite  
Fonte: Rafaela Bonotto. 2025.

Perspectiva casa comunal. Desenho Rafaela Bonotto. Sem escala.





Esse conforto dentro da hakolo é devido também a sua magnífica altura, que varia entre 5 a 6 metros no topo, e no sentido transversal é em formato de uma ogiva, como evidencia o desenho abaixo. As casas possuem apenas duas aberturas, uma de frente para o grande pátio central, uma grande clareira e a outra na fachada oposta. Na hakolo com comprimento superior a 40 metros, há relatos de aberturas pequenas nas laterais para entrada de luz.

A casa registrada na visita à aldeia possui as seguintes medidas: 10 metros de fachada, 30 metros de comprimento e 5,60 metros de altura conforme desenho abaixo. 18 pessoas compartilham este espaço habitacional, tendo o jirau como núcleo central da casa e espaços comuns de circulação com o espaço onde se prepara os alimentos, o fogo, uma despensa e algo que podemos comparar ao dormitório. Há registros de que as delimitações de repartições familiares eram feitas de palha, criando espaços para reuniões de casais e seus filhos solteiros à noite em torno de uma fogueira. Atualmente essas divisões são feitas de lona plástica.

Importante destacar, distintamente das malokas Uitotos e Taiwanos e de outras etnias; as portas da hakolo não são centralizadas segundo o eixo frente-fundos, a da frente está numa lateralidade e a dos fundos numa lateralidade oposta.

A estrutura é inteiramente feita de madeira e com amarrações de diferentes tipos de cipó. A vedação da cobertura e paredes é de palha de buriti e açaí juçara, materiais extraídos do próprio território indígena. Os Enawene Nawe estão com dificuldade para encontrar matéria prima para a reconstrução de suas habitações devido a recentes queimadas. Esta é uma das razões pelas quais os moradores demonstram interesse em, eventualmente, substituir por outros materiais, como telhado de fibrocimento, alvenaria e há quem cogite, estrutura metálica. Para a manutenção desse tipo de construção é necessário um aporte financeiro destinado ao combustível dos veículos da comunidade, possibilitando o acesso a locais mais afastados para extração tanto da madeira quanto da palha.

Uma das demandas da visita à aldeia foi, justamente, contabilizar a quantidade estimada de palha para cada casa. Após levantamento de medidas, foi realizado o modelo em 3D e através dele, quantificou-se 3.000 folhas de palha de buriti por habitação. Isso equivale a aproximadamente 300 pés de buriti. A comunidade possui um viveiro com mudas dessa e de outras árvores, mas a quantidade ainda é muito menor do que o necessário para a manutenção das habitações.

Dentro da cosmogonia dos Enawene Nawe, os furos nas coberturas de palha são feitos por flechadas de um dos personagens que constantemente aparece como o agente humanizador dos contos: Wayalioko, que irritado por não poder morar na casa do Yaõkwa (Casa das flautas, Casa dos Espíritos), dispara em direção às hakolo nawe. Esta passagem pertence ao mito da fundação e construção que está presente em músicas cantadas nos quatro rituais - Yaõkwa, Dorohe, Salomã e Kateokõ. É essa passagem que justifica a necessidade para a reconstrução das coberturas de palha. Na prática, esses furos acontecem devido ao desgaste natural da palha, e projetam feixes de luz que atravessam o interior da casa e ao se encontrarem com a fumaça das fogueiras, desenham uma iluminação única e particular de cada espaço.

As práticas econômicas e a vida cerimonial dos Enawene Nawe são divididas em 2 estações interligadas, as fases são distintas mas encadeadas. Este povo vive entre mundos, no patamar subterrâneo, terrestre e celeste. O ciclo ritualístico inicia após o plantio de milho e mandioca, que ocorre no início da seca, em abril. O primeiro ritual é o Derohe, que é interrompido por pescarias, após retorno, seguem em ritual até o final do período de seca, em setembro. Inicia-se então o ritual Salomã, que junto ao período das chuvas, em outubro. O ritual é interrompido pela pesca e coleta de mel. De dois em dois anos, as mulheres participam do ritual Kateokõ, que marca o início de um ciclo biental econômico-cerimonial. Após o Kateokõ, inicia-se a cerimônia de Yaõkwa, seguida da expedição de pesca e finalizada com mais um ciclo ritualístico. Derohe e Yaõkwa são rituais dedicados aos espíritos subterrâneos, chamados de Yakaliti Nawe, e no ciclo econômico, relacionam-se com períodos de seca. Solomã e Kateokõ, são relacionados aos espíritos celestes, chamados de Enoli Nawe, relacionam-se com o período de chuvas. Os Enawene Nawe se reconhecem como descendentes de Salomã e Kateokõ.

Fausto Campoli, indigenista que atua há décadas com os Enawene Nawe em entrevista à revista Porantim, explica a relação do povo com os rituais:

A vida dos Enawene Nawe é completamente dirigida por esses ciclos rituais, porque isso envolve relacionamento com seres superiores. Dá para arriscar dizer que os Enawene Nawe convivem com dois mundos. O 'Eno', que eles dizem que é o mundo celestial, é povoado por um povo que eles chamam de 'Enori-Nawê', que são espíritos essencialmente terapêuticos. E convivem com outro grupo, vou chamar de espíritos, que são essencialmente patológicos. Com os Enori-Nawê, que são os seres celestiais, eles têm uma relação mais amistosa. É a eles que os pajés se associam para curar alguma doença que esses outros seres, que eu disse que são essencialmente patogênicos, causam nas pessoas. E esses seres são exigentes. Então, os Enori-Nawê, embora tratem os Enawene Nawe carinhosamente de netos, se alguma regra for descumprida, eles também podem se tornar 'maléficos'. Os outros, que eles chamam de Iakariti-Nawê, que povoam algumas lagoas, montanhas, cachoeiras e alguns locais definidos geograficamente no território Enawene Nawe, são essencialmente patogênicos, exigentes, oniscientes, onipresentes e muito temidos. Então, a razão de viver



do Enawene Nawe está completamente entrelaçada a esses seres superiores, na tentativa de, através de submissão, inclusive, manter a harmonia com esses seres. Disso depende a sobrevivência e a vida do Enawene Nawe. É por isso que os rituais são tão longos, e por isso que eles têm essa vida ritual tão intensa (Campoli, 2024).

Dentre tantos aspectos fascinantes das moradias deste povo, destacam-se dois que reforçam ainda mais a representação da morada como um espaço sagrado. O primeiro, é a interação dos clãs com as casas durante os rituais. O período destes quatro ciclos ritualísticos (Yaõkwa, Derohe, Salomã e Kateokõ) somados representam um ano, e acontecem todos os dias e duram cerca de seis horas por dia. Cada um destes rituais tem suas particularidades, por exemplo, a dança dentro das casas comunais acontece em três dos quatro rituais: Derohe, Salomã e Kateokõ. Durante os rituais presenciados, em dois momentos distintos, (Derohe e Kateokõ), os membros do clã anfitrião tocam flautas, cantam e dançam. Os clãs participantes do ritual fazem um percurso em que entram nas casas dos anfitriões do ritual, dançam, cantam e tocam flautas em torno do jirau, bebem *oloniti* (bebida a base de mandioca) durante o dia e *keterá* (*mingau de milho*) no período da noite. No Derohe, ritual masculino, as mulheres podem permanecer dentro de casa mesmo com a entrada dos homens em ritual, mas preferem muitas vezes ficar nos quartos (*waxalako*) devido ao intenso movimento.

O segundo aspecto, a prática de enterrar o morto dentro de casa, que integra a morte ao cotidiano, reforçando que a casa é um espaço de vida e memória, onde passado e presente coexistem, e este fato é entrelaçado várias etnias pan amazônicas. Nas habitações Enawene Nawe, assim como nas malokas dos Uitotos, o morto é enterrado abaixo de sua rede, espaço demarcado por uma elevação do piso, nivelado ao longo do tempo através do uso. A casa se confunde com a própria terra, tornando-se marca de identidade coletiva e de direito de ocupação da terra. Há um transpasse de elementos sagrados: a terra é sagrada, assim como o local em que seus entes queridos descansam, assim a morada se torna sagrada também. Portanto uma terra



índigena nunca é negociável, nunca será mercadoria, pois é impossível vender seus antepassados.<sup>28</sup>

É na *haloko* que a vida da mulher acontece, um lugar de permanência feminina: é espaço de troca, de preparo de alimentos, de cuidados dos filhos e trabalhos manuais. A liberdade que as crianças têm do lado de fora da casa começa dentro dela. É através de mobiliário acessível e da liberdade para explorar o ambiente que desenvolvem um ágil senso de autossuficiência, desde as redes baixas, acesso ao jirau e ao fogo, até a mobilidade de utensílios. A nível comunal, a aldeia circular atua como ferramenta de cuidado coletivo, da mesma forma que as casas com mais de um único núcleo familiar contribuem para a criação compartilhada.

O conceito de casa comunal na cultura Enawene Nawe está intrinsecamente ligado às complexas relações familiares e entre clãs. As casas Enawene Nawe são ocupadas de maneira matrilocal e patrilinear, e acompanham a complexa divisão social da comunidade, dividida em nove clãs. Depois do casamento, o novo casal passa a morar na casa dos pais da esposa. Os clãs são organizados a partir da linhagem paterna e o status não é alterado após o casamento, que é, por via de regra, feito entre diferentes clãs.

Para compreensão dessa organização espacial interna, é necessário a contextualização da organização social e familiar do povo. Conforme Márcio Silva:

Os habitantes de uma casa comunal, membros de um grupo residencial, são responsáveis por sua construção e pelos constantes cuidados de conservação e manutenção deste espaço. Mais

<sup>28</sup> Nesse sentido, veja-se; Fuão, Fernando. *Lares, celulares. Sobre arquitetura e domesticação*. Revista Estética e Semiótica, Volume 14, Número 1, 2024, p. 50-66.



frequentemente, um grupo residencial agrega dois a três grupos domésticos. Em casos excepcionais, pode abrigar mais de três ou apenas um desses grupos. O interior da casa é dividido em seções residenciais, separadas por áreas de circulação comuns. Cada seção é ocupada por um grupo doméstico, que aí organiza as repartições familiares, a cozinha e a despensa. Cada grupo doméstico cultiva uma ou mais roças de milho e organiza grandes expedições de coleta de frutos silvestres. As repartições familiares correspondem a pequenos espaços normalmente cercados por paredes de palha onde um casal e seus filhos solteiros se reúnem à noite em torno de uma fogueira. Este pequeno grupo familiar mantém uma roça de mandioca, de meio hectare aproximadamente, e periodicamente promove a coleta de insetos comestíveis e a pesca em pequena escala (Silva, 1998).

Observa-se também um forte respeito à privacidade de cada habitação: quem não mora em determinada casa não pode entrar sem convite, aspecto que se evidenciou quando comparado à moradia destinada aos pesquisadores não indígenas. Fora da aldeia, a cerca de 150 metros, encontra-se a escola e, diante dela, uma casa construída com técnicas não indígenas, utilizada para acomodar visitantes (professores, pesquisadores, indigenistas e funcionários da FUNAI). Com dois quartos, banheiro e cozinha, essa casa é percebida como um espaço comum da comunidade, sem restrições quanto ao acesso e permanência. Diferentemente, nas casas da aldeia a circulação permanece restrita aos próprios moradores.

Apesar de não ser negada a existência de arquitetura indígena na academia, ainda se faz necessário reafirmar a riqueza técnica e sociocultural desses saberes ancestrais. É sabido também, que as definições de arquitetura indígena ocupam outro lugar que não os conceitos de diretrizes ocidentais explorados tradicionalmente, portanto, ilógico buscar similaridades e respostas nessas teorias.



Reconhecer também que, para abrir mão da imagem cristalizada a partir da visão colonial, caracterizada pelo estereótipo de oca circular ou oval, de palha, cipós e madeira, devemos reconhecer os processos de transformação da arquitetura indígena. No imaginário coletivo, morfologias distintas a 'oca' ou a 'maloca' de palha não consideram a diversidade étnica e geográfica do país com dimensões continentais. Mais ainda, engessa a compreensão de que povos indígenas passam por processos de transformação social em suas aldeias - assim como qualquer espaço urbano, - que ocorrem em constante diálogo com as mudanças impostas pelo contato com a sociedade capitalista, o que implica na incorporação de novos elementos, disponibilidade de materiais, conhecimento de técnicas construtivas, organização familiar, mudanças climáticas e por fim, mas ainda de suma importância, a permissão de permanência e sobrevivência.

As mudanças na forma de construir se dão com o contato com o meio não indígena, e as casas comunais que até hoje constituem a aldeia Doloikwa/Kotakowinakwa são uma manifestação de resistência. Enquanto eles tiveram seu contato com a sociedade envolvente cuidadosamente planejado<sup>29</sup>, outros povos passaram por séculos de fuga e luta pela manutenção de sua sobrevivência étnica, indiscutivelmente, perdendo aspectos culturais do modo de viver e construir.

A hakolo tem a aparência do estereótipo de casa indígena formado do dito 'civilizado', a casa de palha. Se não for assim, o civilizado não compreende como casa indígena. Seu olhar costuma ser limitado, definido; mas a cultura dos Enawene Nawe não se resume na forma de sua arquitetura, apesar de ser fortalecida por ela. No processo

<sup>29</sup> Os primeiros contatos dos Enawene Nawe com a sociedade envolvente foram através de uma iniciativa rara, planejada e cautelosa. Thomaz Aquino Lisboa, um dos integrantes da equipe da Missão Anchieta, juntamente com Vicente Cañas, relata a aproximação feita em 1974, que visava interromper o ciclo de massacres recorrentes nos confrontos de povos isolados através do contato forçado principalmente por fazendeiros da região.

civilizatório o que se perdeu foi a riqueza de convívio social proporcionada por tais espaços de confluência<sup>30</sup>.

Que razão é essa que culminaria na ideia de uma arquitetura racionalista pétreia, se não fosse ela (*logos*) de início o mais puro símbolo da razão. Em outras palavras: trata-se da própria fabulação de uma invenção chamada ‘razão’ que se materializa na arquitetura pétreia ocidental para provar sua existência. E, existiria mesmo essa razão ocidental se não fosse a arquitetura de pedra ou sólida?

## Referências

AMAZONATE. *Curiosidades sobre malocas indígenas del Amazonas*. 14 sep 2019. Em: <https://www.amazonate.com/blog/malocas-indigenas-del-amazonas>

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.  
CAÑAS, Juan Pablo Duque. *La maloca amazónica*. Em: <https://www.revistacredencial.com/historia/temas/la-maloca-amazonica>

CIMI – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *Enawenê-Nawê* por Fausto Campoli: dinâmica e resistência. *Cimi*, 24 set. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/09/-Enawene-Nawe-por-fausto-campoli-dinamica-e-resistencia/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ECHEVERRIA, Juan Álvaro; PEREIRA; Edmundo. *‘Mambear Coca no es pintarse de verde la Bboca’ Notas sobre el uso ritual de la coca amazónica*. Revista ANTHROPOLÓGICAS. Ano 28, 35(1): 34-75, 2024. Em: <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2024.26518>

FAJARDO, Honathan. *Animalidades de la arquitectura entre algunas malocas panamazónicas*. Em Fuão, Fernando; Rocha, Eduardo (orgs.). *Lingua e Linha*. Rio de Janeiro: Editora Veritá. 2025 (ebook).

FREIRE, Oscar. *La maloca de los saberes*. Em: Mapa Humano Mapa Humano de Povos, Grupos Étnicos e Culturas. 2011. p. 1. Em: <https://web.archive.org/web/20110711000457/http://mapahumano.fiestras.com/>

FUÃO, Fernando. *Viagem ao fim do mundo*. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 6, n. 21.

FUÃO, Fernando. *Lares, celulares. Sobre arquitetura e domesticação*. Revista Estética e Semiótica, Volume 14, Número 1, 2024, p. 50-66.

FUÃO, Fernando. *As casas dos três porquinhos*. Porto Alegre: Amazon, 2024.  
GAIA AMAZONAS *A Maloca: O Mundo da Casa Grande*. 28/11/2023, 20h51. P. 2-4. Em: [https://www.gaiaamazonas.org/noticias/2019-05-31\\_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/](https://www.gaiaamazonas.org/noticias/2019-05-31_la-maloca-el-mundo-de-la-casa-grande/)

<sup>30</sup> Antônio Bispo dos Santos e “A terra dá, a terra quer”, sugere a contracolônização das palavras, através da potencialização de palavras enfraquecidas. *Confluência*, para Bispo, “é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e a outra gente - a gente rende.” Antônio Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023. p. 25.

HILDEBRANT, Martin Von. *Notas etnográficas sobre o cosmos ufaina e sua relação com a Maloca*. Biblioteca Banco da República. Colômbia . Maguaré (Bogotá) Vol. 2, não. 2 (1983-1984). pág. 177-210.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe*. Brasília: IPHAN, 2018.

LISBÔA, Thomaz de Aquino. *Enawenê-Nawê: primeiros contatos*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010.

MATTOS, José Roberto; NETTO, Antonio; SURUI, Ganalonô. *Etnomatemática nas construções de malocas indígenas*. Em: <https://funes.uniandes.edu.co/funes-documentos/etnomatematica-nas-construcoes-de-malocas-indigenas/>

MOZOMBITE, Pedro. *A Bora: a maloca, um sítio cerimonial ancestral*. 01/08/2025. Em: <https://diariolaregion.com/los-bora-la-maloca-un-sitio-ceremonial-ancestral/>

NIÑO, Murcia. Carlos. *Territorio chamánicos: Una mirada desde la arquitectura a la manera indígena de construir y ocupar su entorno*. Serie Antropología, Otras Miradas, Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia. 2005.

ORTEGA, Luis Gilberto Delgado; HEREDIA, Edwin Ortiz; LOPEZ, Laura Andrea Diaz. *Cartilha Fodimie: aprendamos a construir uma maloca Uitoto Etinia Muina Murui Maloca*. Universidad La Gran Colombia, (sem data).

SILVA, M. Tempo e espaço entre os Enawene Nawe. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 123-145, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/t6GZQ7fm98gRyPzKBrVFfqnq/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2025.

SLOTERDIJK, Pete. *Esfemas III. Esfereologia plural*. Madrid: Ediciones Siruela. 2009.

TODA A COLOMBIA. Povos indígenas taiwaneses: Grupo indígena taiwanês. Em: <https://www.todacolombia.com/etnias-de-colombia/grupos-indigenas/taiwano.html>

## Videografia

ANGEL, Laura. *Territorio Chamánico, Arquitectura indígena Colombiana: análisis de tipología. Maloca* [vídeo]. YouTube, 6 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B2CYKfoubnk>

ENZO, Carlos. *La maloca del Amazonas y su estructura* [vídeo]. YouTube, 12 mai. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtKG5JaFxA>